

## TUDO É PROCESSO

Jovens pesquisadores contam como foi transformar inquietação em ciência

## GÊNERO, RAÇA E CLASSE

Percepção das juventudes periféricas sobre a saúde é atravessada por marcadores sociais

## PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E VIOLÊNCIAS

O cotidiano de jovens operadores de telemarketing da Maré e os impactos na saúde

## DIREITO À VIDA

Campanhas de solidariedade e organização social para esperar em tempos de Covid-19

# JOVENS INVESTIGADORES: UM OLHAR GERACIONAL SOBRE A SAÚDE

UM OLHAR GERACIONAL  
SOBRE A SAÚDE



realização:



Ministério da Saúde

FIOCRUZ  
Fundação Oswaldo Cruz



PROGRAMA  
INOVA FIOCRUZ



coordenação editorial:

## Expediente

### Projeto Jovens Investigadores

#### Coordenação

André Sobrinho e Sofia Barreto

#### Mentoria

Adriana Castro (IFF/Fiocruz), Bianca Leandro (EPSJV/Fiocruz), Carolina Niemeyer (ENSP/Fiocruz), Corina Mendes (IFF/Fiocruz), Leonídio Madureira (Cooperação Social da Presidência), Márcia Lisboa (ICICT/Fiocruz), Marcos Nascimento (IFF/Fiocruz), Mayalu Mattos (Claves - ENSP/Fiocruz) e Simone Ribeiro (EPSJV/Fiocruz)

#### Jovens investigadores

Beatriz Lomba, Bruno Lopes, Douglas Maia Colarés, Ellen Neves, Fabiana Pinto, Isabel Barbosa, Leandro Rodrigues, Manuella dos Santos Albuquerque de Azevedo, Matheus Oliveira e Reinaldo de Araújo Dantas Lopes

realização:



coordenação editorial:



### Agenda jovem

#### Coordenação

André Sobrinho e Luciane Ferrareto

#### Coordenação da Cooperação Social – Presidência Fiocruz

Leonídio Madureira

#### Secretaria Executiva

Sofia Barreto

#### Assessoria de Comunicação

Roberta Nunes

### Viração Educomunicação

#### Coordenação Editorial

Esta revista foi criada a partir de um processo educomunicativo facilitado pela Viração, organização social sem fins lucrativos que realiza processos e produtos de comunicação para a promoção dos direitos de adolescentes e jovens

#### Edição Educomunicativa

Jéssica Rezende, Juliane Cruz, Monise Berno, Pedro Neves e Vania Correia

#### Revisão

Manuela Azenha

#### Diagramação

Manuela Ribeiro

#### Imagens

rawpixel.com

## Sobre a Agenda Jovem Fiocruz

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) historicamente tem tido incidência junto à população jovem no exercício de suas funções em produzir e difundir conhecimentos através da pesquisa, educação, tecnologia e inovação em saúde. Investigações científicas de diferentes áreas temáticas, estruturas educacionais como uma escola de ensino médio técnico, os vários programas de pós-graduação, iniciativas de divulgação científica, serviços de saúde e projetos em cooperação social com territórios, criam as oportunidades para a juventude se aproximar da área da saúde e abrem espaços para a presença e circulação de jovens nas dependências da Fiocruz.

A Agenda Jovem Fiocruz (AJF) se soma a esses esforços e coloca a juventude como tema central para as políticas públicas. Há duas décadas, um conjunto de atores sociais e políticos, incluindo movimentos juvenis, reverberam pautas relativas a uma condição juvenil contemporânea, apresentando dimensões estruturantes da vida social que contornam as diversas trajetórias de jovens e, sob as quais recaem desigualdades, expectativas, desejos, aspirações e um imenso potencial de transformação. O resultado desta intensa mobilização produziu marcos políticos e legais relevantes, especialmente para a faixa etária de 15 a 29 anos.

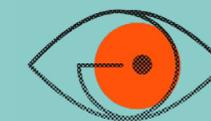
Em sintonia com tais demandas e com vistas a subsidiar políticas públicas de juventude com enfoque na saúde, a AJF desenvolve iniciativas nas áreas de pesquisa, educação, informação e comunicação; serviços em saúde e ações territorializadas. Orienta-se pelas diretrizes estabelecidas no Estatuto da Juventude em interface com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS).

Com suporte institucional da Coordenação de Cooperação Social da Presidência da Fiocruz, a AJF funciona como uma plataforma colaborativa, onde participam representantes de diferentes Unidades Técnico-Científicas da Fundação. Também estabelece parceria com organismos governamentais e de cooperação internacional e colabora com grupos, movimentos sociais e organizações juvenis e da sociedade civil, por meio de ações de mobilização, vivências e formação para a defesa do direito à saúde da juventude brasileira.

Buscando engajar a própria juventude na produção de conhecimento sobre a sua realidade, promovemos o projeto *Jovens Investigadores em Juventude e Saúde\** que apoiou 10 jovens pesquisadores-ativistas do Rio de Janeiro, na investigação de questões relacionadas à saúde, numa perspectiva que articulou produção acadêmica e atuação em territórios. Ao problematizar fatores socioculturais que incidem diretamente na saúde da juventude, as investigações subsidiaram a reflexão e a ação local destes jovens. Esta publicação é fruto desse processo. Aqui o grupo apresenta os resultados de suas pesquisas e busca dialogar com um público diverso, abordando um amplo universo temático – que vai da violência nos territórios às narrativas das telenovelas – interseccionalizado com as questões da saúde. Convidamos vocês a conhecerem e aprenderem com esses/as jovens e seus “achados”!

**\***  
O projeto *Jovens Investigadores em Juventude e Saúde* contou com o apoio técnico e financeiro do Programa INOVA, cujo edital de 2019 na modalidade *Ideias Inovadoras*, permitiu os recursos necessários para a sua realização.

## Sumário



<b>_ 06</b>	<b>Luta, Ciência e Pandemia</b>
<b>_ 10</b>	<b>A solidariedade nos fará menos solitários</b>
<b>_ 14</b>	<b>Justiça reprodutiva e Covid-19: um ano de lutas de jovens ativistas negras</b>
<b>_ 18</b>	<b>Jovens travestis e transexuais na escola ou no campo de guerra?</b>
<b>_ 20</b>	<b>Onde fica a saúde quando passa a polícia?</b>
<b>_ 22</b>	<b>Tuberculose e seu legado social</b>
<b>_ 25</b>	<b>Gênero, raça e classe: debatendo saúde na periferia do capital</b>
<b>_ 28</b>	<b>A representação da Baixada Fluminense no audiovisual</b>
<b>_ 30</b>	<b>A juventude se vê no audiovisual</b>
<b>_ 32</b>	<b>Telemarketing na Maré</b>
<b>_ 35</b>	<b>Demonstrar afeto lésbico nas favelas é uma realidade palpável?</b>
<b>_ 38</b>	<b>RAP da Saúde: intersectorialidade como tecnologia social</b>
<b>_ 40</b>	<b>Diário de experiência: pesquisar na pandemia</b>
<b>_ 41</b>	<b>Mentoria e seus aprendizados</b>
<b>_ 44</b>	<b>Para onde vamos? - Existe uma revolução correndo em nossos olhos</b>

# JOVENS INVESTIGADORES: UM OLHAR GERACIONAL SOBRE A SAÚDE



Das pesquisas científicas aos serviços públicos, a relação entre saúde e juventude pode ser vista por múltiplos olhares. No atendimento aos agravos que mais acometem essa população em suas demandas por cuidado, profissionais da atenção em saúde posicionados em diferentes instituições, operam distintas formas de ver, abordar e classificar os comportamentos juvenis.

A percepção de jovens também é diversa: se no senso comum certa visão limitada ainda compreende saúde como ausência de doenças e, sendo a juventude representada socialmente como uma fase de vitalidade (logo pouco adoecer), o envolvimento de jovens com a área é permeado por distanciamentos e aproximações. Até o ponto em que os registros epidemiológicos e socioantropológicos demonstram quais são as principais causas, fatores socioeconômicos e culturais determinantes que os fazem recorrer aos equipamentos de saúde.

O Estatuto da Juventude - que define diretrizes às políticas públicas para jovens na faixa etária de 15 a 29 anos -, sinaliza alguns temas prioritários. Após anunciar o direito da população jovem nas dimensões de promoção, prevenção, recuperação e proteção à sua saúde e ainda frisar a importância do caráter universal, público e de qualidade do SUS, o documento coloca acento em questões de uso abusivo de álcool e outras drogas e em assuntos sobre saúde sexual e reprodutiva. Não há dúvida da relevância dessas questões para a população jovem; tampouco se discute o marco fundamental que representa o Estatuto da Juventude ao incluir jovens de faixa etárias mais elevadas em um dispositivo jurídico-legal tendo em conta suas especificidades.

Contudo, se avançamos pelo conceito ampliado de saúde e ouvimos os próprios jovens, veremos que articulados a outras dimensões da vida prática, os temas em saúde se expandem, reforçando as responsabilidades das instituições do setor. Frente a inserção da juventude nas diferentes esferas de reprodução social - *familiar, educacional, cultural, sexual, de participação social e política e no mundo do trabalho* -, temos uma situação juvenil contemporânea marcada por uma série de fatores estruturais relacionados entre si, que juntamente com diferentes marcadores sociais de diferença - *de gênero, etário, racial, de padrões sexuais e de território* -, impactam nas condições de vida e saúde dessa população.

Por isso, nada mais apropriado que investir em olhares que alcançam essa complexidade. Mais ainda se quem olha é o próprio sujeito que vive essa condição. Essa é uma das premissas do *Projeto Jovens Investigadores em Juventude e Saúde*. Na esteira da ampliação do acesso ao ensino superior de uma geração que chegou à universidade nas duas últimas décadas, estão aqueles que também se movem por causas distintas. Por meio de organizações, grupos, coletivos e movimentos sociais, estes jovens criam seus repertórios de ação; e a despeito dos conflitos inerentes à convivência de modos distintos de pensamento no espaço público, oferecem novas lentes para a produção de conhecimento ao refletirem analiticamente seus engajamentos e suas trajetórias.

Não se trata de supervalorizar o “lugar de fala”; antes disso, se posicionar na arena de disputa de sentidos com outros atores, ou seja, falar, escutar, divergir e/ou construir consensos sobre qual sociedade vivemos e a que queremos seguir construindo. E nela, como se deve tratar a relação entre jovens e saúde. Por isso, outra premissa desta iniciativa é a importância da intergeracionalidade: ao colocar em contato pesquisadores da Fiocruz e os jovens ativistas investigadores, verificamos importantes aprendizados para ambos, o que fortalece a percepção de que criado um ambiente propício ao compartilhamento, atores posicionados de maneiras distintas no tempo social e histórico apuram suas formas de ver. Podemos apreciar o resultado desse rico processo nesta publicação.



# LUTA, CIÊNCIA E PANDEMIA

JOVENS INVESTIGADORES/AS FALAM DA RELAÇÃO ENTRE PESQUISA E ATIVISMO E NARRAM AS DIFICULDADES IMPOSTAS PELA PANDEMIA.



## Beatriz Lomba

Participar deste projeto foi incrível. Primeiro, pela liberdade para escolher o tema. Essa escolha influencia muito a perspectiva ativista, porque a gente propôs aquilo que dialoga com as demandas e contradições das nossas comunidades, o que significa falar da nossa própria realidade. Também tivemos a orientação de grandes referências no debate sobre saúde e juventude, dentro da Fiocruz. Além disso, a bolsa que recebemos viabilizou a pesquisa e nos fez sentir valorizados.

Aí veio a pandemia e criou uma série de dificuldades. Não tinha mais como fazer pesquisa de campo, por exemplo. Como é que se conduz uma pesquisa com as juventudes da favela pela internet, se muitas nem têm acesso a ela? Mas, além de adaptar a pesquisa, tivemos que nos adaptar: controlar ansiedades e pensar em como produzir num cenário de angústias. Acho que isso só foi possível por ter sido uma pesquisa ativista. A gente, de fato, acreditava naquilo e via possibilidades de transformação na vida das juventudes e na saúde pública brasileira.



## Douglas Maia Colarés

Encontrar energia para desenvolver os processos da pesquisa tornou-se muito mais desafiador. A partir do agravamento da pandemia, comecei a questionar o meu papel enquanto pesquisador e agente de comunicação, tentando perceber o sentido que ainda tinha meu campo de pesquisa. Foi um processo árduo, contei muito com a ajuda da minha mentora. Sem ela acho que eu teria travado por muito mais tempo. No final gostei do resultado, mas ainda fico um pouco triste em pensar que a pesquisa poderia ter sido muito mais potente se tivesse tido uma troca presencial com os/as participantes, e se o debate tivesse sido gerado a partir de inquietações deles. Espero que em um outro momento eu possa realizar essa pesquisa com o foco que foi pensado, mesmo que em outro contexto.



## Fabiana Pinto

Foi um grande ganho pra mim enquanto jovem cientista e ativista. Acredito que existe uma ideia, que cada vez mais cai por terra, de uma ciência feita em um lugar neutro, de uma produção científica em que o pesquisador tem 'neutralidade', o que é irreal na sociedade que a gente vive. Enxergar que isso não existe e enxergar a potência do meu lugar enquanto mulher negra, de origem periférica e ativista no meu trabalho científico - que eu já fazia antes, mas ainda não envolvia esse tema no qual atuo como militante - teve grande importância. Acho que existe um potencial na luta política somada à construção científica - estes dois campos de atuação se alimentam. Produzir essa pesquisa sobre justiça reprodutiva foi a consolidação disso, que eu só tinha no campo das ideias.



## Reinaldo de Araújo Dantas Lopes

Foi uma oportunidade única na minha carreira, fiquei muito feliz de ser selecionado e integrar o grupo dos jovens investigadores. A trajetória da pesquisa foi um processo extremamente desafiador, no qual tive que me dedicar e aprendi bastante, tanto para propor o projeto quanto para trabalhar no decorrer da pesquisa e também em seus resultados. Foi extremamente satisfatório também poder dar um retorno ao bairro em que nasci e cresci. Foi lá que, anos atrás, enquanto atuava como agente comunitário de saúde, observei a relevância da tuberculose e seu impacto nos serviços de saúde e na vida dos moradores. A experiência no projeto foi tão emblemática que me fez decidir sobre os rumos da minha vida profissional. Hoje sou aluno do mestrado em epidemiologia em saúde pública.



## Manuella dos Santos Albuquerque de Azevedo

Essa oportunidade marca um momento em minha vida de muita alegria, crescimento e amadurecimento profissional e humano. Produzir pesquisa no Brasil é um ato de resistência, frente ao cenário em que estamos vivendo.

A Fiocruz, em parceria com a Viração, me proporcionou a realização de um sonho, que me permite levar à favela em que cresci e moro o produto do nosso cotidiano de vida e de trabalho, produzido por um de nós.

Fui operadora de telemarketing durante 5 anos e esse foi o meu primeiro emprego. Definitivamente eu tinha algo para compartilhar e só precisava de uma oportunidade e incentivo para ir adiante.

Estou muito feliz em fazer parte dessa trajetória e de experienciar a produção jornalística ao lado de profissionais comprometidos com a pesquisa, a produção de conhecimento e a socialização de informações com a classe trabalhadora.

A Maré Vive.



## Isabel Barbosa

Sempre que falo sobre a minha trajetória digo que participar do projeto Jovens Pesquisadores foi um divisor de águas. Não apenas porque nos sentimos valorizados em nossas questões e perspectivas por toda equipe envolvida, mas também porque o projeto incentiva que a produção de conhecimento alimente e seja alimentada pela prática política. Isso faz toda diferença. Não objetivamos estar afastados do que pesquisamos, nem defender uma neutralidade nessa produção. Nosso conhecimento é crítico e comprometido.



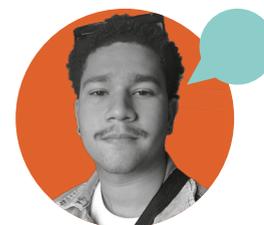
## Ellen Neves

Participar do projeto foi desafiador, estimulante e uma baita responsabilidade. Desde o momento em que soube que a pesquisa aconteceria no território, de maneira empírica, peguei todas as angústias que me tomavam e transformei num projeto. Ao longo da vida, somos bombardeadas com narrativas únicas, verdades absolutas e extermínio de outras percepções do mundo. Todas nós temos algo valioso a dizer e a Agenda Jovem foi a oportunidade que eu necessitava. Foi aqui que passei a me ver enquanto pesquisadora. Pela primeira vez senti que o mundo iria me ouvir, mas principalmente me senti mais confiante para falar. Como diria Lélia Gonzalez: "O lixo vai falar, e numa boa".



## Bruno Lopes

Me senti vivo! Acho que pude, através da Agenda Jovem, expor questionamentos e diálogos feitos com colegas que cresceram comigo, no mesmo território, questionamentos esses que permaneceram durante muitos anos na minha cabeça. Transformar a minha inquietação em ciência foi poder retornar à minha história, resgatar elementos importantes, fortalecer uma rede extremamente fundamental para poder prosseguir, comunicando à todes que vamos caminhar juntas, e que a produção de conhecimento também se faz no cotidiano!



## Matheus Oliveira

Me incomodou ver um programa tão bacana como o RAP da Saúde ir perdendo recursos com o passar dos anos. Eu sempre me questionei por que um projeto tão exitoso, que fez tanta coisa pelos jovens, tinha chegado ao seu fim - foi isso que me moveu a fazer essa pesquisa.

No início da pandemia, todo mundo estava muito reflexivo sobre o que estava acontecendo. Produzir nesse momento foi um processo doloroso, mas sempre gosto de ressaltar o quanto a bolsa para os pesquisadores foi fundamental para a sobrevivência de alguns jovens que participaram do programa. Até hoje continua sendo difícil escrever qualquer coisa, mas, a gente toca o barco.



# A SOLIDARIEDADE NOS FARÁ MENOS SOLITÁRIOS

UM DEBATE SOBRE AS CAMPANHAS DE SOLIDARIEDADE COMO FORMA DE GARANTIR O DIREITO À VIDA E A ESPERANÇA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

POR **BEATRIZ LOMBA**,  
INTEGRANTE DO  
PROJETO JOVENS  
INVESTIGADORES  
EM JUVENTUDE  
E SAÚDE, DA  
AGENDA JOVEM  
FIOCRUZ\*



Em um cenário de completa ausência de políticas públicas sociais e econômicas que garantam o isolamento social da população, uma série de grupos começou a se organizar para dar respostas imediatas às necessidades que o povo brasileiro enfrenta por conta da pandemia. É nesse contexto que as ações de solidariedade começaram a pipocar Brasil a fora.

Um desses grupos é o Levante Popular da Juventude, do qual faço parte. Um movimento que tem como objetivo a transformação da sociedade e a luta pela garantia do direito à vida plena à juventude brasileira. O Levante tem apostado na política de solidariedade como um caminho de reconstrução do vínculo com o povo brasileiro. Logo

no início da pandemia, o movimento se deparou com a questão material da vida: o aprofundamento da fome e da miséria passou a estar na ordem do dia para toda a população. E uma nova contradição foi escancarada na nossa sociedade, na qual a importância de uma quarentena geral para conter o contágio pelo novo coronavírus entra em conflito com a necessidade da classe trabalhadora de colocar o pão na mesa.

 Pesquisa: A ação de solidariedade “nós por nós” contra o coronavírus e o seu potencial de organização popular no território de Manguinhos

## SOLIDARIEDADE POPULAR

- Feita pelo próprio povo
- É permanente
- Solidariedade como valor coletivo
- Visa a emancipação, conscientização e protagonismo
- As ações contribuem para garantia da sobrevivência das pessoas
- Entende e atende as demandas reais da população para além da distribuição de alimentos e produtos de higiene: assessoria médica, jurídica, psicológica e social

## SOLIDARIEDADE S.A

- Feita pelas empresas que também são responsável por manter as desigualdades sociais
- É momentânea e atende demandas pontuais
- Visa garantir benefícios fiscais
- Constroem a solidariedade como ações de marketing, para manter a boa aparência

@LevanteRJ

É no meio desse processo que nasce a campanha de solidariedade “Nós por Nós contra o coronavírus”, no Rio de Janeiro. Construída pelo Levante, ela surgiu a partir de uma demanda interna da própria militância, em sua maioria moradores/as das favelas e periferias do Brasil, que estavam sentindo na pele e na barriga o descaso do governo. A solidariedade sempre foi um valor e um princípio revolucionário para a organização, mas neste momento ela assume um caráter também de garantia da vida e da saúde.

A Nós por Nós contra o coronavírus tem o propósito principal de doar cestas básicas e álcool 70º para as famílias em situação de grande vulnerabilidade, mas também promove ações de conscientização sobre as medidas de segurança e higiene, em postos fixos alocados nas favelas, além da confecção de máscaras, assessoria médica, psicológica, jurídica e a doação de marmitas solidárias.

 **Vídeo: Solidariedade em tempos de pandemia**

[encurtador.com.br/IGP09](https://encurtador.com.br/IGP09)





A solidariedade é um valor que devemos cultivar, além de ser uma ferramenta poderosa de diálogo e trabalho de base. Foi a partir dela que o povo brasileiro sobreviveu a diversos processos históricos de exploração que renegavam seu direito a uma vida justa e plena. Aqui não estamos falando de uma solidariedade proposta pelas empresas, responsáveis por ajudar a aprofundar as desigualdades sociais. Estamos falando de uma solidariedade popular, ativa na partilha e guiada por uma estratégia de tomada de poder.

É certo que as organizações da sociedade civil que buscam melhores condições de vida não podem ser responsáveis pela transformação da realidade de milhares de brasileiros/as somente por meio da solidariedade. O Estado brasileiro deve garantir os direitos constitucionais à população. Contudo, sabemos que esse não é o cenário atual do país e que, portanto, é de extrema importância que os movimentos sociais e as organizações comunitárias façam pressão constante para exigir uma vida digna à população.

## “Se eles lá não fazem nada, faremos tudo daqui!”

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a saúde é “um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não, simplesmente, a ausência de doenças ou enfermidades”. A discussão sobre saúde pública precisa, portanto, perpassar um campo amplo de análise, que considere os sujeitos produzidos em cada território e o acesso aos direitos que lhes são - ou deveriam - ser garantidos. A Constituição Federal de 1988 classifica a saúde como um direito à cidadania e define que esta deve ser entendida como um conjunto de ações que promovam um bem comum.

O dever do Estado em garantir o direito à saúde pública compreende, portanto, medidas de prevenção de qualquer elemento que comprometa o bem-estar da população. Contudo, durante a grave crise sanitária que vivemos, ficou evidente a omissão do governo. Levamos meses até que as autoridades públicas reconhecessem o perigo do novo coronavírus e a necessidade de medidas preventivas como o uso da máscara e do álcool 70°, a testagem em massa e

ações rigorosas de distanciamento social, bem como ações de proteção social que assegurem à população as condições necessárias para ficar em casa. Na contramão da ciência, mais de um ano depois do início da pandemia, o presidente segue escancarando seu negacionismo ao atacar essas medidas e defender tratamentos comprovadamente ineficazes.

O estudo *Efeitos da pandemia na alimentação e na situação da segurança alimentar no Brasil* mostra que quase 60% dos lares brasileiros viveram algum grau de insegurança alimentar entre agosto e dezembro de 2020. Além disso, o país registrou um recorde no desemprego, com mais de 14 milhões de desempregados. Os jovens, principalmente negros e mulheres, são os mais afetados. Soma-se a isso o desmonte da educação, realizado com cortes orçamentários e a ausência de investimentos, que vem tirando da juventude a perspectiva de futuro.

A violência é mais uma ameaça à vida da juventude negra e moradora da periferia. O estado do Rio de Janeiro registrou um aumento considerável de operações policiais no último período. Segundo relatório da Universidade Federal Fluminense, a média mensal de operações saltou de 27 entre outubro e dezembro de 2020 para 41,7 nos primeiros meses de

2021. O aumento aconteceu à revelia da ADPF 635 do Supremo Tribunal Federal, que restringe essas operações durante a pandemia.

Outro elemento da crise que faz vítimas a cada dia é a negligência do governo federal na aquisição de vacinas. Já superamos a marca das 500 mil mortes, das quais centenas de milhares poderiam ter sido evitadas. É importante destacar ainda que, no atual ritmo de vacinação, o país deve demorar meses para imunizar a população jovem.

Esses dados escancararam o descaso com a vida da população, que, além de enfrentar a ameaça do vírus, vivencia a fome, o desemprego e a violência. Eles confirmam que debater saúde numa perspectiva ampla é fundamental para que possamos reivindicar políticas que extrapolem a medicalização e compreendam o direito à saúde como um direito à vida plena.

Nesse sentido, as campanhas de solidariedade que acontecem no Brasil inteiro, construídas pelo Levante e pelas mais diversas organizações, trazem consigo também o papel de resistência, na qual as saídas coletivas encontradas para a crise, por meio do afeto, do companheirismo e da esperança, nos fazem menos solitários/as.



**É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo.**

Paulo Freire



# JUSTIÇA REPRODUTIVA E COVID-19: UM ANO DE LUTAS DE JOVENS ATIVISTAS NEGRAS

UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O ACESSO A EQUIPAMENTOS, INSUMOS E INFORMAÇÕES DE SAÚDE DURANTE A PANDEMIA

POR **FABIANA PINTO**, INTEGRANTE DO PROJETO JOVENS INVESTIGADORES EM JUVENTUDE E SAÚDE, DA AGENDA JOVEM FIOCRUZ\*



Passado um ano desde o início da pandemia de Covid-19 no Brasil, somamos mais de 500 mil vidas perdidas, das quais aproximadamente 1.600 são mulheres gestantes ou puérperas. Refletir sobre essas mortes, assim como sua evitabilidade, faz-se oportuno para desenharmos caminhos e soluções que garantam o direito à vida e o acesso à saúde de qualidade a

mulheres negras, maior grupo demográfico brasileiro. Mulheres negras representam cerca de 28% do total da população brasileira. É urgente olhar para essas questões sob as perspectivas de justiça social e direitos humanos.

Para isso, lançamos mão do marco político e teórico da Justiça Reprodutiva. A ativista negra estadunidense Loretta Ross apresenta o conceito como um conjunto de ideias que engloba questões

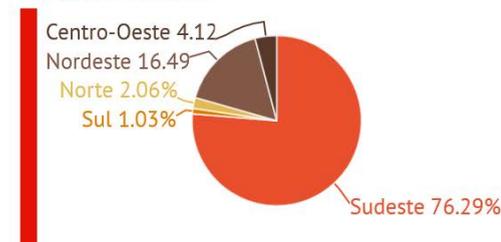
que vão além das pautas diretamente ligadas à garantia dos direitos sexuais e reprodutivos, trazendo para a cena o direito de mulheres negras, ou *women of color*, terem seus filhos, e criá-los quando desejarem tê-los, assim como exercerem seu direito sobre como serão seus partos.

Ao eleger esse marco teórico, ético e político para desenvolver uma perspectiva crítica sobre as questões que norteiam o universo feminista acerca do “direito à escolha”, busquei não apenas discutir quais são os direitos dessas mulheres, mas também as condições necessárias para que mulheres negras tenham tais direitos efetivamente garantidos.

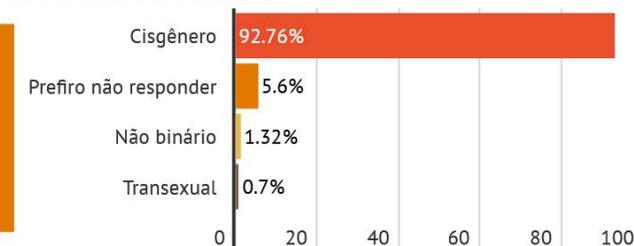
Em pesquisa realizada com 152 jovens ativistas negras de todo o Brasil\*, entre junho e julho de 2020, analisei as repercussões relacionadas ao acesso a serviços, insumos e informações de saúde reprodutiva

## 152 jovens ativistas negras de todo Brasil

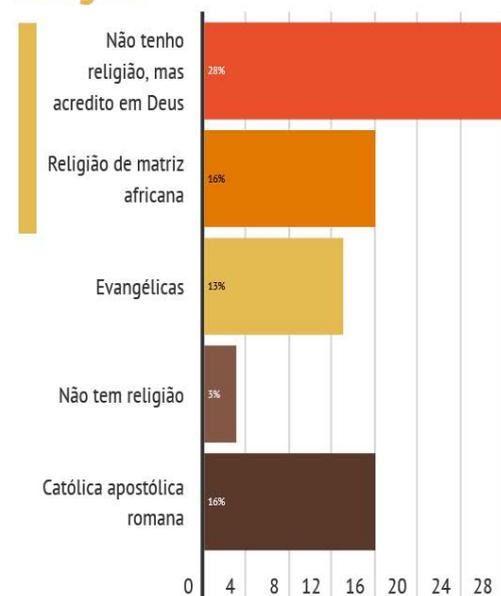
### Região do país



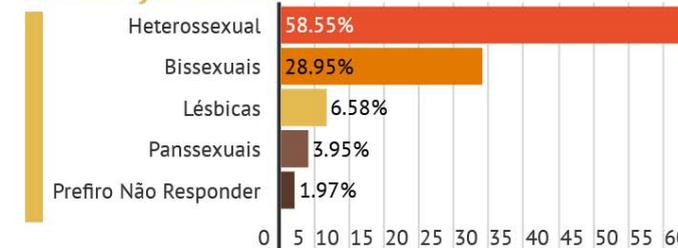
### Identidade de Gênero



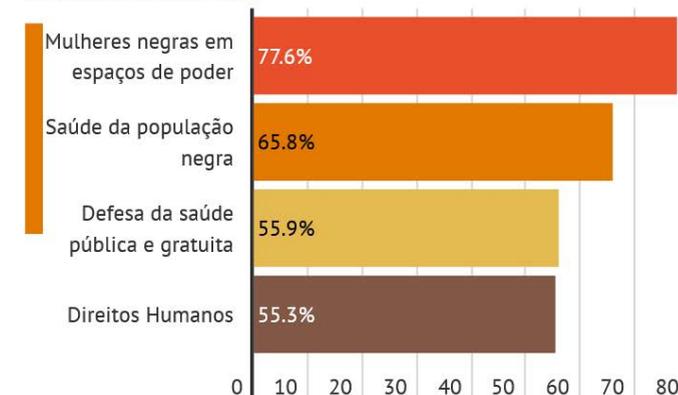
### Religião



### Orientação Sexual

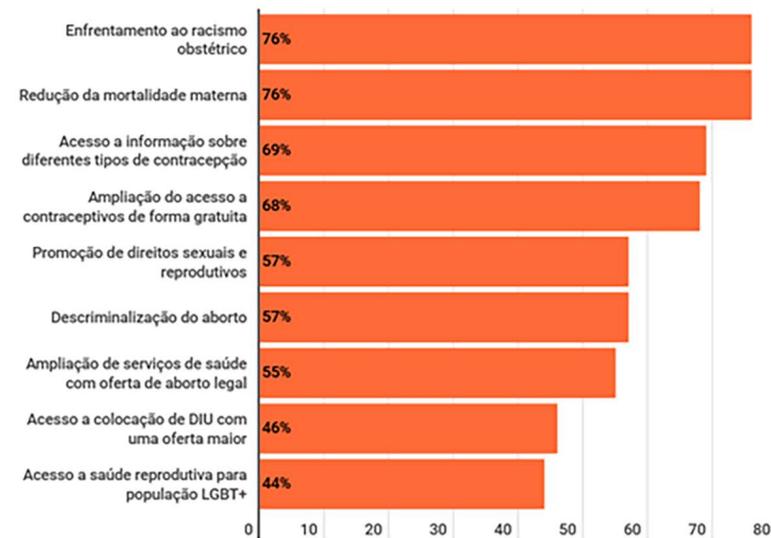


### Causa de Ativismo



Infográfico 1. Perfil sociodemográfico das participantes da pesquisa

Pesquisa: Acesso à saúde reprodutiva no Brasil no contexto da pandemia de COVID-19: Perspectiva de jovens mulheres negras ativistas



**Infográfico 2.** Pautas prioritárias sobre Justiça Reprodutiva para as jovens ativistas negras em um contexto pós pandemia

durante a pandemia de Covid-19. O objetivo foi mapear quais dificuldades, problemas e barreiras ao acesso à saúde reprodutiva estavam acontecendo, para identificar quais iniciativas, estratégias e ações individuais, comunitárias e coletivas surgiam na busca pela garantia do acesso à saúde reprodutiva.

O estudo utilizou um questionário online com 44 perguntas, que traçou o perfil socioeconômico das participantes e investigou aspectos do acesso à saúde e à justiça reprodutiva: acesso a métodos contraceptivos, atenção pré-natal, internação no parto e atenção à saúde no puerpério, acesso a abortamento legal, violência sexual e mortalidade materna.

63,58% das participantes afirmaram não conhecer o conceito de Justiça Reprodutiva. Entre as que

disseram conhecer, a maioria afirmou utilizar o conceito no ativismo, o que aponta para uma renovação e radicalização da luta por direitos de mulheres negras no Brasil.

Justiça Reprodutiva é um conceito que vem ganhando força nos últimos anos no Brasil entre ativistas negras, especialmente por meio de organizações como a Criola, Odara e Coletivo Nzinga, e de grupos que denunciam violações de direitos reprodutivos de mulheres negras, dando especial visibilidade à violência obstétrica sofrida por essa população e o racismo institucional presente em serviços de saúde.

Ao refletir sobre o caráter estrutural do racismo e suas expressões, uma ativista participante da pesquisa reforçou que:



**“os temas se correlacionam totalmente, uma vez que mulheres negras já foram esterilizadas forçadamente (comprovado pela CPI da Esterilização de 1992) e são frequentemente negligenciadas no que diz respeito à saúde sexual e reprodutiva como um todo. Mulheres negras são frequentes alvos de negligência obstétrica. Negligências muitas vezes sustentadas pelo imaginário coletivo de que mulheres negras são mais fortes às dores do parto, por exemplo. Trazem seus filhos a esse mundo com violência e trauma”.**

A responsabilidade do Estado ao debater o tema também surgiu entre as participantes do estudo. Para uma delas, *“nossos direitos são considerados luxo pelo governo, enquanto são na verdade serviço essencial. O fechamento de serviços como os de abortamento seguro não faz o menor sentido, mesmo no contexto de pandemia.”*

Conhecendo ou não o conceito de Justiça Reprodutiva, pode-se concluir que os debates têm avançado, pautados em práticas que trazem para o centro da discussão o racismo ao qual mulheres negras estão expostas durante sua trajetória reprodutiva.

Para além do prolongamento da pandemia, o Brasil está imerso numa crise política, econômica e sanitária sem precedentes. Há uma profunda convergência de pautas, lutas e saberes em prol da garantia dos direitos sexuais e direitos reprodutivos conquistados e sua efetivação e ampliação para todas as mulheres negras no Brasil.

Em que pese o país ser o que mais concentra o número de mortes de gestantes e puérperas em decorrência da Covid-19, assistimos ao debate sobre os direitos sexuais e reprodutivos se tornar secundário diante da falácia de priorização das urgências que a pandemia representa, mas vemos também o quanto a organização de mulheres, e em especial mulheres negras, produz mudanças na busca pela garantia de direitos por meio de ações de coletivos e organizações ou iniciativas individuais e comunitárias.

A continuidade da inserção do DIU e o acesso a serviços de saúde reprodutiva, bem como a inclusão de gestantes, puérperas e lactantes nos grupos prioritários para a vacinação contra a Covid-19 são alguns dos exemplos do que o movimento de mulheres negras produziu e conquistou neste período.

Agora a disputa posta é para manter os direitos conquistados e ampliá-los, pelo fortalecimento do Sistema Único de Saúde e pela consolidação de uma agenda de políticas públicas que tenha como centro a garantia do direito à vida, à saúde e aos direitos humanos. Essa é a perspectiva da Justiça Reprodutiva e das mulheres negras brasileiras representadas nesta pesquisa pelas jovens ativistas.



# JOVENS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NA ESCOLA OU NO CAMPO DE GUERRA?

PESQUISA BUSCOU ENTENDER QUAIS IMPACTOS O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS TRANS E TRAVESTIS GERA NA SAÚDE EMOCIONAL DESSA POPULAÇÃO

POR LEANDRO RODRIGUES, INTEGRANTE DO PROJETO JOVENS INVESTIGADORES EM JUVENTUDE E SAÚDE, DA AGENDA JOVEM FIOCRUZ\*

As primeiras produções acadêmicas sobre pessoas trans/travestis e o universo escolar surgiram em 2008, com um papel muito importante dos movimentos sociais para inserir o tema no campo científico - tendo percebido que, para a população "T", a escola também era um lugar de pertencimento, apesar de ter vivido confinada histórica e socialmente ao universo da marginalidade ou da marginalização.

Ao longo do nosso estudo, percebemos que o número de pesquisadoras trans/travestis que se dedicam a pensar suas questões é pequeno. Essa realidade é empecilho para quem busca pesquisar a si mesmo, suas vivências, como também se configura em empecilho à própria fluidez da conceituação do que é ser uma pessoa trans/travesti, quero dizer: como podemos conceituar uma identidade de gênero sem termos as vivências específicas que lhes são comuns?

Nas entrevistas realizadas com três travestis da Baixada Fluminense, apenas uma disse se sentir vítima, ou já ter sido, da transfobia no espaço escolar ou em casa. "Eu já fui vítima, sim, mas enquanto minhas amigas achavam normal serem chamadas de 'viadão' na escola, eu ia pra cima", afirma. As outras entrevistadas dizem nunca ter sofrido qualquer tipo de violência, mas em suas falas é nítida a existência de uma engenharia de exercício da masculinidade hegemônica que as rechaçava ainda que elas não percebessem. "Quando estamos na escola, ou mesmo

na pista trabalhando<sup>1</sup>, sempre perguntam se somos homens ou mulheres, e quando a gente diz que não é nem um nem outro, porque somos travestis, eles zoam ou vão embora sem fazer o programa". Parece que elas, em certa maneira, internalizam a transfobia e naturalizam a própria violência sofrida.

Para dialogar com essa fala das travestis que afirmaram não sofrer qualquer tipo de agressão, tive que imaginá-las falando de dentro de um armário de vidro: ou seja, elas pensavam que passavam despercebidas pelos/as agressores/as, mas, nas "brincadeiras" elas estavam, sim, sendo vistas e discriminadas.

Um dado importante é observar que nenhuma das entrevistadas nasceu no Rio de Janeiro, todas vieram da região Nordeste. Isso revela uma vida em exílio não só no sentido geográfico, mas também no figurado: além de buscarem se deslocar para longe de familiares para então se assumirem travestis ou transexuais, por conta do preconceito, se exilam metaforicamente ao se apresentar no seio familiar "vestidas de homem" [sic].

Outra questão que me chamou a atenção foi descobrir que as três travestis

Pesquisa: Saúde emocional da população travesti e transexual no período de escolarização

<sup>1</sup> Ela se refere ao trabalho como profissional do sexo.



entrevistadas trabalhavam na prostituição. Quando lemos os teóricos que se preocupam com as questões trans/travestis, vemos que muitos salientam o fato de mais de 90% da população trans/travesti trabalhar ou já ter trabalhado na prostituição. Por esse motivo, também estão muito expostas a violências - que podem partir de familiares, da sociedade em geral e dos próprios companheiros das travestis que, em muitos casos, pelo machismo estrutural, as vê como "um gênero frágil".

A natureza da violência pode ser diversificada, podendo ser:

- ▶ **VIOLÊNCIA FÍSICA:** controladora do comportamento - no caso em que a escola e os pais tentam disciplinar os seus corpos para que as meninas "virem homem"
- ▶ **VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA:** muitas vezes embutida nos discursos religiosos conservadores, pode ser, inclusive, patrocinada pela família e endossada pela escola.
- ▶ **VIOLÊNCIA SEXUAL:** as entrevistadas relataram que já fizeram programa com homens e, na hora de receberem o dinheiro, foram ameaçadas com armas de fogo, sob a justificativa de elas não terem trabalhado direito ou acusadas de não serem "mulheres de verdade". Ou seja, servem sexualmente ao cliente e depois saem sem receber - o que configura trabalho análogo ao escravo, no qual se trabalha em troca de nada.

Todos esses processos juntos, ocorrendo simultaneamente, faz com que algumas dessas meninas se afastem da escola com relatos de sintomas depressivos. Duas delas relataram que só de pensar em ir para a escola, vestir roupa masculina, ter que ficar na fila dos rapazes sob constante tensão e o medo de sofrer agressões verbais era um estresse garantido pelo resto do dia. Outra entrevistada disse que, ao acordar pela manhã, sentia a barriga revirar, uma ansiedade terrível por não saber em que lugar da sala sentaria para se esconder das piadas dos colegas.

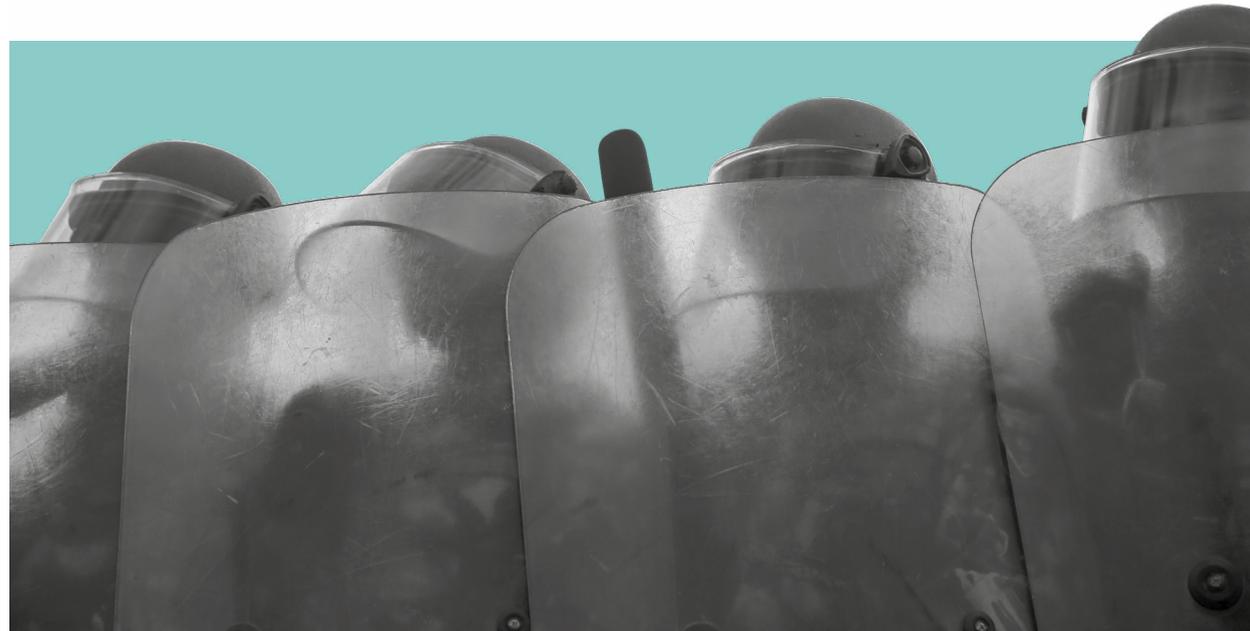
O que se tentou mostrar nesta pesquisa é que as diversas formas de violência podem ser perpetradas pela escola também enquanto instituição, mesmo que de forma não intencional. Para além do fato de acometer à saúde psicológica da população travesti e transexual, os tipos de violência citados no presente artigo também as impedem de chegar ao nível mais alto do ensino formal, o que acaba por desestruturar suas trajetórias profissionais. Portanto, podemos afirmar que estudar as violências sofridas pelas mulheres travestis e transexuais no espaço escolar é, também, uma forma de se abordar uma questão de saúde pública.



# ONDE FICA A SAÚDE QUANDO PASSA A POLÍCIA?

RACISMO ESTRUTURAL E POLÍTICA DE GUERRA ÀS DROGAS AMEAÇAM A VIDA, A SAÚDE E OS DIREITOS DE JOVENS

POR ISABEL BARBOSA, INTEGRANTE DO PROJETO JOVENS INVESTIGADORES EM JUVENTUDE E SAÚDE, DA AGENDA JOVEM FIOCRUZ\*



Quinta-feira, 06 de maio de 2021, pouco mais de um ano após o início da pandemia de Covid-19, 10 meses da decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) restringindo as operações policiais durante a pandemia e poucos dias depois da audiência pública para debater a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental 635, a ADPF das Favelas<sup>1</sup>. Nesse dia ocorreu a segunda maior chacina da história do Rio de Janeiro: a Chacina do Jacarezinho,

que deixou 29 vítimas. As decisões do STF neste período demonstraram que a vida dos moradores de favela está em perigo também por conta da atual política de segurança pública. Significa dizer que o próprio Estado está colocando a população em risco, seja pela fome, falta de condições sanitárias de prevenção ao novo coronavírus ou pela ação violenta da força policial.

A pesquisa que realizei, num período que antecedeu a pandemia, no âmbito do projeto Jovens Pesquisadores, da Fiocruz, aborda essas questões. O estudo buscou identificar os impactos da violência armada sobre a saúde da juventude do território de Manguinhos. Sendo assim, foi inserido na pesquisa “Conflitos armados e saúde - investigando

os sentidos e os impactos da violência entre moradores e trabalhadores da saúde e da educação em Manguinhos/Rio de Janeiro/RJ”<sup>2</sup>, da Fundação Oswaldo Cruz.

A juventude é a parcela da população que mais morre em situações de violência armada, tanto a partir de operações policiais quanto de conflitos armados pelo tráfico de drogas. A política de guerra às drogas é um modelo de combate ao tráfico por meio de incursões ostensivas nas regiões empobrecidas da cidade, embora esses locais sejam apenas a ponta do iceberg do comércio internacional de drogas. Isso faz parte do fortalecimento do Estado penal como política neoliberal, no qual as camadas mais pobres são criminalizadas. Toda a comunidade se torna vítima dessa militarização, sofrendo com o cerceamento a seus direitos sociais básicos, com o fechamento de unidades de saúde e educacionais durante operações policiais, além das dificuldades no acesso à mobilidade urbana, ao trabalho, à cultura e ao lazer.

Sendo o principal alvo dessa criminalização, a população jovem traz em seus relatos uma vivência apreensiva pela possibilidade de morte e pelas agressões e humilhações sofridas durante as abordagens policiais, além de invasão de suas residências e extorsão de seus bens. Soma-se a isso os efeitos subjetivos, como a sensação de não pertencimento à cidade, o nervosismo e a ansiedade.

As pessoas jovens identificam uma relação entre essa violência e o racismo, expondo, inclusive, que, na guerra contra as drogas, a população negra morre de todos os lados: como polícia, moradora ou trabalhando no comércio de drogas como varejistas. O próprio racismo que desumaniza esses corpos explica a atuação violenta do Estado sobre esses territórios.

Diante desta situação, algumas estratégias de proteção utilizadas em seu cotidiano também foram narradas pelos/as jovens que entrevistamos para a pesquisa. Porém, as múltiplas desigualdades fazem com que uma estratégia de proteção, como correr, possa significar uma situação de risco caso seja executada por jovens negros/as. Os acordos estabelecidos entre profissionais e moradores, a comunicação comunitária e a articulação entre instituições representam meios de proteção à violência. As organizações da sociedade civil no território têm promovido um trabalho crítico e permitido que muitos entrem em contato com a “história que a história não conta”<sup>3</sup>. Além disso, são espaços que permitem o fortalecimento das relações comunitárias entre jovens.

A pesquisa revelou que, além das mortes, os principais impactos sobre a saúde da juventude são psicossociais e no acesso aos direitos. Outra importante constatação é que essa política militarizada desenvolve-se com o respaldo da sociedade e, ainda, que ela promove um genocídio físico, cultural e psicológico da população negra e favelada. Por fim, as reflexões geradas nesta pesquisa evidenciam que é preciso debater a relação entre o racismo e a política de guerra às drogas para construir um país verdadeiramente democrático.

Pesquisa: Diálogos de juventude: onde fica a saúde quando passa a polícia?

<sup>1</sup> Fruto da organização de movimentos de favelas e instituições voltadas à defesa dos Direitos Humanos, a ADPF das Favelas é um mecanismo jurídico formulado para impedir que o estado do Rio de Janeiro continue violando os princípios constitucionais durante as operações policiais. Esta foi protocolada no Supremo Tribunal Federal e as primeiras decisões ocorreram ao longo de 2020.

<sup>2</sup> Coordenada pela Dr.<sup>a</sup> Fernanda Mendes Lages Ribeiro com a cooperação de Mayalu Matos Silva, Cristiane Batista Andrade, Maria Mônica Silva do Nascimento dos Santos, Camila Athayde de Oliveira e Brena Costa de Almeida.

<sup>3</sup> Referência ao samba enredo da Estação Primeira de Mangueira cujo título é *História para ninar gente grande* e problematiza a construção de uma historiografia que romantiza as relações coloniais que aqui se desenvolveram e oculta as lutas dos povos negros e indígenas.



# TUBERCULOSE E SEU LEGADO SOCIAL

PESQUISA REVELA A PERCEPÇÃO DA JUVENTUDE SOBRE O ADOECIMENTO

POR **REINALDO DE ARAÚJO DANTAS LOPES**  
INTEGRANTE DO PROJETO JOVENS INVESTIGADORES EM JUVENTUDE E SAÚDE, DA AGENDA JOVEM FIOCRUZ\*

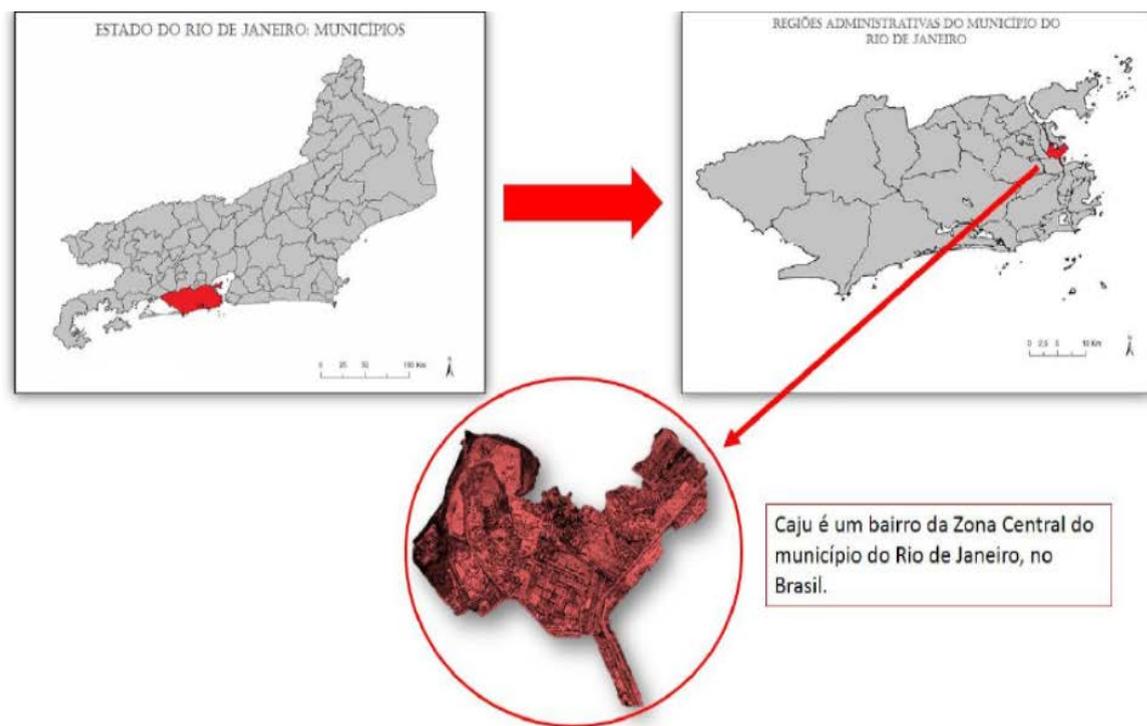
Você sabia que há doenças que herdamos e não têm nada a ver com as questões genéticas? Conhecida como a "praga dos pobres", em anos passados, a tuberculose (Tb) pode ser uma delas. A OMS (Organização Mundial da Saúde) estima que 10 milhões de pessoas adoecem por tuberculose no mundo anualmente.

Ainda que qualquer indivíduo possa adoecer, ela é fortemente associada à questão social, ao empobrecimento da população e ao crescimento urbano não planejado. Outros fatores, como educação precária, famílias numerosas, adensamentos

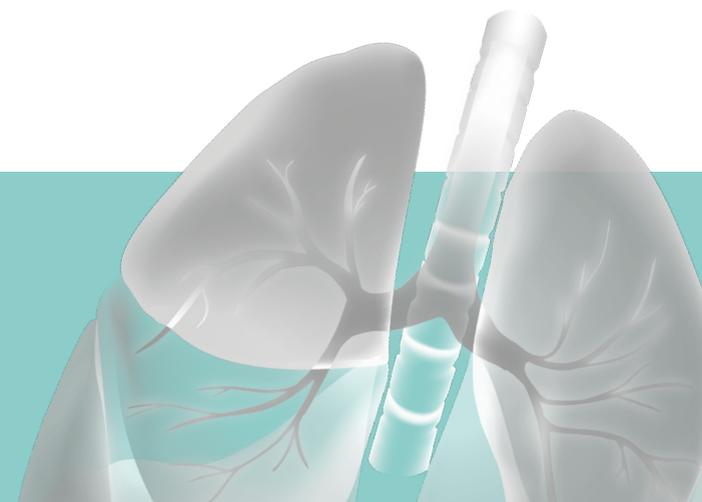
comunitários, desnutrição, alcoolismo e outras doenças infecciosas associadas, como a Aids, também contribuem para o aumento do risco de adoecimento.

Nosso estudo buscou compreender o processo de adoecimento por tuberculose com base na vivência de moradores de um dos bairros com a maior taxa de incidência da cidade do Rio de Janeiro, o Caju.

## Mas na real, onde fica o Caju?



Fonte: <https://www.passeidireto.com/arquivo/57769069/diagnostico-bairro-caju-rj>



O Caju, localizado na cidade do Rio de Janeiro, antigamente tido como um local de lindas praias próximas ao centro e apelidado de balneário real, devido às constantes idas de Dom João VI ao bairro, teve um rápido crescimento populacional nos últimos 20 anos. Acompanhando o crescimento populacional e a expansão das comunidades do bairro, veio o alto índice de adoecimento por tuberculose. Para se ter ideia, enquanto na cidade cerca de uma a cada cinco pessoas habitam em comunidades, no Caju é praticamente o inverso, ou seja, a cada cinco pessoas que lá vivem, 4 (sobre)vivem em comunidades, totalizando 80% dos habitantes vivendo em áreas favelizadas.

## Mas e aí, o que diz a pesquisa?

A pesquisa, produzida para a juventude e também por ter jovens como principal público-alvo, foi divulgada nas mídias sociais. Mostrou a quem participou informações sobre o perfil da população adoecida no bairro e quis saber a opinião deles sobre o que leva ao adoecimento, o porquê do bairro apresentar este cenário e quais iniciativas seriam feitas, caso fossem gestores.

Um levantamento recente, feito com base em informações do Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINAN, mostrou que jovens de 18 a 29 anos representam parcela significativa (29%) do total de casos de adoecimento por tuberculose no bairro do Caju. Perguntamos, então, a quem participou da pesquisa quais fatores consideravam contribuir para este cenário. As opiniões convergem para temas e comportamentos associados à juventude, como o uso de drogas e álcool, má alimentação, doenças sexualmente transmissíveis e a negligência com a própria saúde, quase justificando o adoecimento de jovens por simplesmente serem jovens. Algumas outras respostas envolveram temas mais complexos, como o território em que a população jovem está inserida e as questões sociais que o rodeiam, tornando-a vulnerável ao adoecimento. Embora não apresentado, houve também quem assumiu desconhecer os motivos.

Uma outra pergunta presente no formulário de pesquisa buscou saber quais intervenções julgavam necessárias caso soubessem que havia muitos casos de tuberculose em suas comunidades. A maioria das respostas trazia a ideia de educação em saúde como principal estratégia a ser adotada. Veja a seguir algumas dessas respostas:

Pesquisa: A Juventude e a Tuberculose no bairro do Caju



**Ações de saneamento básico e educação popular em saúde a partir das unidades básicas de saúde, explicitando a importância de casas bem ventiladas e sobre o tratamento da doença.”**



**“Uma conscientização pública, investir em ações comunitárias, fazendo da Vila Olímpica, com teatro, [para] uma peça, por exemplo, com o intuito de conscientizar as pessoas, como uma fábula, uma moral no final.”**

Outro conjunto de respostas expressivas sugere uma melhor cobertura do serviço público de saúde com atividades que englobam a busca ativa de adoecidos/as, visitas domiciliares, consultas, orientações médicas, vacinação, disponibilidade de medicamentos e tratamento.

As recomendações de isolamento durante a Covid-19, amplamente reforçadas pelos meios de comunicação, surgiram involuntariamente como uma solução para o adoecimento por tuberculose. Inclusive, muitos/as participantes deram a quarentena como sugestão para evitar a disseminação da Tb, inspirados na experiência vivida durante a pandemia.

O último conjunto de sugestões esteve ligado à questão territorial. Grande parte apontou diversos problemas do bairro que foram citados como eventos ou situações que podem afetar o adoecimento da população, seja a infraestrutura ou as condições das residências, o saneamento básico, o arejamento, o arruamento e a qualidade do ar.

De acordo com o que foi apresentado nas respostas, é evidente que a população entende que é necessário promover atividades que possam propagar

conhecimento e informação. Muitos dos participantes jamais saberiam das altas taxas de contaminação em seu bairro por não haver transparência dos dados e da real situação de saúde da população. Assim como o Caju, certamente outros bairros e localidades vivenciam seus próprios dilemas e iniquidades no âmbito da saúde. Mas há uma luz no fim do túnel. A pandemia de Covid-19 nos faz repensar, enquanto cidadãos, a importância de toda a população ter acesso a informações que sejam úteis para a sua saúde. Podemos observar até que algumas respostas foram influenciadas por campanhas de conscientização para reforçar o uso de máscara e o distanciamento social. Além disso, vale ressaltar a importância dos registros de dados e de informações serem públicos e de fácil acesso, para que todo mundo possa se informar.

Ainda sobre a pesquisa, é interessante pensar que, assim como os outros jovens pesquisadores/as que participaram da iniciativa da Agenda Jovem, as temáticas fugiram do que é mais falado quando se trata da intersecção entre os temas saúde e juventude: as doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez. A saúde da juventude, como podemos observar, vai muito além e envolve aspectos socioeconômicos complexos que devem ser considerados em qualquer intervenção que busque impactar positivamente o bem-estar da população jovem e da sociedade.

## Mais informações sobre a pesquisa:

A pesquisa deu origem ao primeiro Boletim de Saúde do Caju, que pode ser acessado clicando [aqui](#). Houve, ainda, uma reportagem na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, na qual o pesquisador contou um pouco da sua trajetória e dos achados mais expressivos da pesquisa, também disponível [aqui](#). Por último, uma live foi coordenada também pela Escola Politécnica e trouxe alguns atores envolvidos para falar mais sobre a pesquisa. O bate-papo super interessante está disponível no Youtube e pode ser encontrado neste [link](#).



## GÊNERO, RAÇA E CLASSE: DEBATENDO SAÚDE NA PERIFERIA DO CAPITAL

PESQUISANDO DETERMINANTES SOCIAIS, JUVENTUDES E TERRITÓRIO

POR **BRUNO LOPES**, INTEGRANTE DO PROJETO JOVENS INVESTIGADORES EM JUVENTUDE E SAÚDE, DA AGENDA JOVEM FIOCRUZ\*



De acordo com dados do IBGE de 2010, quase 50 milhões de brasileiros/as se encontram na faixa etária de 15 a 29 anos. Considerados/as jovens pelo Estatuto da Juventude, representam um quarto da população brasileira. Homens, mulheres, pessoas não-binárias, travestis, transexuais, gays, lésbicas, bissexuais, pretos, pardos, brancos, indígenas, uma população tão diversa e que carrega com a sua identidade, muitas vezes, novidades à população mais velha.

\* Pesquisa: Gênero, raça e classe: debatendo saúde na periferia do capital

Cresceram com a instauração de legislações e políticas públicas importantes na história do Brasil, como a Constituição Federal de 1988, a implementação do Sistema Único de Saúde (SUS), a aprovação

do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, e do Estatuto da Juventude, em 2013. Acompanham os dançantes programas de televisão da década de 1990, o processo de globalização marcado pela popularização da internet e a chegada de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Além da popularização das novelas e programas que aos poucos passaram a trazer pautas sociais importantes, como violência contra a mulher, gravidez na adolescência, racismo, infecções sexualmente transmissíveis, homofobia e transexualidade. Nas periferias, presenciamos uma forte influência do funk e todo o processo de criminalização em seu entorno.

Em nossos estudos, identificamos que as juventudes representam o contexto histórico-social em que vivemos, sendo este manifestado pela pluralidade.

Considerando todos os atravessamentos relacionados aos contextos enquanto determinantes da saúde e qualidade de vida, como podemos identificar a percepção de jovens periféricos/as sobre a temática Saúde?

A nossa pesquisa sobre juventude periférica e saúde fomentada pelo Programa Inova FIOCRUZ - Edital de Ideias Inovadoras, realizada em 2021, consistiu em analisar os processos sociais presentes na vida das juventudes da XVIII Região Administrativa da cidade do Rio de Janeiro, especificamente na parte que compreende os bairros de Santíssimo, Senador Vasconcelos, Campo Grande, Cosmos e Inhoaíba. Buscamos compreender, através de uma análise que considerasse os marcadores sociais de gênero, raça, classe e sexualidade, a percepção das juventudes do território sobre a Saúde.

Através da pesquisa, identificamos relatos de jovens que consideram que suas condições de vida influenciam diretamente seus corpos, tanto no que diz respeito à saúde física quanto à saúde mental. Diversas respostas indicaram o cansaço e a ausência de tempo para o autocuidado. Relataram esgotamento da saúde mental para saber lidar com a rotina de jovem estudante e trabalhador, alguém que diariamente cruza a cidade e retorna ao lar somente para dormir. Além disso, fizeram referências sobre a ausência de políticas públicas mínimas no território em que vivem, como saneamento básico, políticas de moradia, precariedade no transporte público coletivo, sobretudo trens e BRTs.

Já pensou no sentido político que tem a comunicação em saúde? Muitos/as participantes da pesquisa indicaram que nas diversas instituições pelas quais passaram, como escola, família e postos de saúde, o papo sempre foi voltado para o uso abusivo de drogas e para a saúde sexual e reprodutiva, o que possui implicações graves sobre o processo de construção de conhecimento e a recepção a quem busca determinadas informações em ambientes onde se sente acolhidos/as.

**\*Os nomes dos jovens foram omitidos para preservar a confidencialidade das entrevistas.**



**“Com jovens só falam sobre saúde sexual, e isso se você tiver sorte de ter aula com um professor que esteja disposto. Eu tive um professor que tratou do assunto de forma mais leve e sem muito tabu, mas sei que não são todos. Eu sei que é importante falar sobre saúde sexual com jovens, principalmente porque estamos nos descobrindo, experimentando nossas sexualidades, mas saúde pra mim não é só isso, sabe? Muitas coisas a gente descobria na rodinha de amigos ou na internet” (Jovem 04)\***

Como os corpos das juventudes e os marcadores sociais contribuem para a relação que construímos com as políticas sociais? Quando questionado sobre a sua relação com a rede de Atenção Básica do território, um participante fez a seguinte afirmação:



**“Não fui nenhuma vez na Clínica da Família, e acho que isso é reflexo por ser um homem negro. A gente nunca pode estar vulnerável em nenhum aspecto sexual, a gente tem sempre que saber de tudo. Existe essa fetichização em cima da gente, né? Esse estereótipo sexual, e isso me priva muito de procurar um profissional de saúde para falar sobre. Tenho uma noção de que é reflexo do racismo. Por mais que tivesse dúvidas, eu aparentava que não tinha. Parece que a nossa função é fazer sexo, e se tivermos dúvidas, já somos olhados com um olhar inferior, não pode fraquejar.” (Jovem 06)**

Ao final, pudemos identificar a urgência de fomentar o debate em Saúde sob uma perspectiva política com as juventudes, considerando que a ausência desse diálogo também é alimento para as diversas formas de violência que sofreremos. Consideramos que esse fomento deve acontecer nas escolas, em parcerias entre a Educação e a Saúde, ou até mesmo através de um diálogo mais estreito com movimentos sociais, muito presentes nos nossos territórios.



# A REPRESENTAÇÃO DA BAIXADA FLUMINENSE NO AUDIOVISUAL

COMO JOVENS MORADORES DA REGIÃO ANALISAM A ABORDAGEM REALIZADA POR MALHAÇÃO

POR **DOUGLAS MAIA COLARÉS**, INTEGRANTE DO PROJETO JOVENS INVESTIGADORES EM JUVENTUDE E SAÚDE, DA AGENDA JOVEM FIOCRUZ\*

O Rio de Janeiro da Zona Sul é uma vitrine consagrada do Brasil. Não é de se estranhar que a Baixada Fluminense, assim como outros locais tidos como marginais, não sejam cenários típicos das telenovelas brasileiras. *Malhação – Toda Forma de Amar, de 2019* (Rede Globo), buscou romper essa barreira com uma trama ambientada na Baixada Fluminense, em Duque de Caxias.

A novela abordou temas da juventude pelo merchandising social: a representação da mãe solo na adolescência, a menina que quer ser jogadora de futebol, o rapaz LGBTQIA+, a moça negra buscando reconhecimento do pai branco, a jovem que almeja ser artista. Também trouxe temas relacionados à saúde: precarização dos hospitais públicos, gravidez na adolescência, aborto, bem como a violência, entendida como parte de uma série de competências relacionadas à saúde, segundo relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) de 2002.

*Malhação* sofreu críticas ao propor uma Baixada Fluminense alegórica – abordando superficialmente certas problemáticas locais –, fortalecendo um estereótipo de marginalidade, atribuindo à região um espaço de crimes. O ponto de partida da trama é a interceptação de uma van de passageiros em que um personagem, jovem negro, é sequestrado – sendo encontrado morto posteriormente. Ao testemunharem o rapto, os demais passageiros da van estabelecem relações e buscam solucionar o crime.

Em nossa pesquisa, entrevistamos jovens telespectadores\* de *Malhação* com idades entre 18 e 29 anos, para conhecer a percepção deles sobre os temas abordados na novela e a correlação com o cotidiano de quem vive na periferia.

Foi unânime o apontamento da violência – na forma da violência física e violência simbólica, registrada nas cenas de ação de milícias. O modo como a novela abordou o episódio do sequestro foi criticada. Para Leonardo, este foi um artifício que não agregou à narrativa, pois acabou sendo esquecido em detrimento de outras tramas. Já Victório criticou a escolha de situar o sequestro na região, justamente pelas constantes associações da cidade com a violência. Por outro lado, Raíssa aponta que a obra mostra os lados ruins da cidade, e que estes não fogem da realidade. Edgardo admite que a produção mostrou uma Baixada por vezes superficial, entretanto, também conseguiu mostrar a luta da população. Cita um personagem que deixou o trabalho no calçadão para ser motoboy, um antigo sonho.

Em outras falas ficou evidente também a percepção da ideia de um Rio de Janeiro imaginado, com regiões cartões-postais e periferias a serem evitadas.

Jovens residentes nas cidades de Duque de Caxias, Seropédica e Belford Roxo. Usamos nomes fictícios para preservar a confidencialidade das entrevistas.



## Pontes de reconhecimento

As pessoas entrevistadas elencaram pontos de identificação na trama e comemoram a iniciativa da obra. Determinados elementos físicos foram lembrados, como a estação de trem, o teatro da cidade, a rodoviária, a Praça do Pacificador – importante centro comercial de Caxias.

Myrella notou nas transições de cena uma passarela que seu irmão atravessa para ir à escola, mas sentiu falta de maiores referências à cidade. Leonardo ressalta que por vezes esquecia que a ação se passava na região.

Para Victorio, a novela seria melhor se contasse histórias que refletissem com maior fidelidade os moradores, talvez usando pessoas comuns como consultoras. Para ele, muitas vezes parecia senso comum o que era retratado.

Em relação à linguagem, não houve consenso. Para alguns, *Malhação* se comunica bem com a juventude contemporânea pela trama e personagens. Em especial para Edgardo, a abordagem é “forçada”, embora reconheça a ausência de outras produções que trabalhem as questões jovens.

Mas tendem a concordar que *Malhação* é um importante programa de veiculação de narrativas para jovens.

A maior recorrência foi dizer que a representação poderia ser melhor. A Caxias de *Malhação* é (re) construída nos estúdios da TV Globo – um trabalho feito por profissionais que, em sua maioria, não residem na localidade. A escolha da ambientação acompanha, assim, um olhar externo e midiático que articula a periferia de forma negativa – ora como denúncia, ora reforçando discriminações.

Para Bella Tavares, moradora de Nova Iguaçu e pesquisadora em audiovisual, é possível reconhecer as dinâmicas de desigualdade, mas é “importante saber e estar atenta a quem (a narrativa) se dirige e como se dirige ao território”. E vê a “necessidade da construção de narrativas contra-hegemônicas e investimento na pesquisa em relação à memória, patrimônio e cultura da Bxd”.

Bella Tavares falou sobre representatividades periféricas no audiovisual e outros atravessamentos dessa discussão em entrevista publicada na [Agência Jovem de Notícias](#).

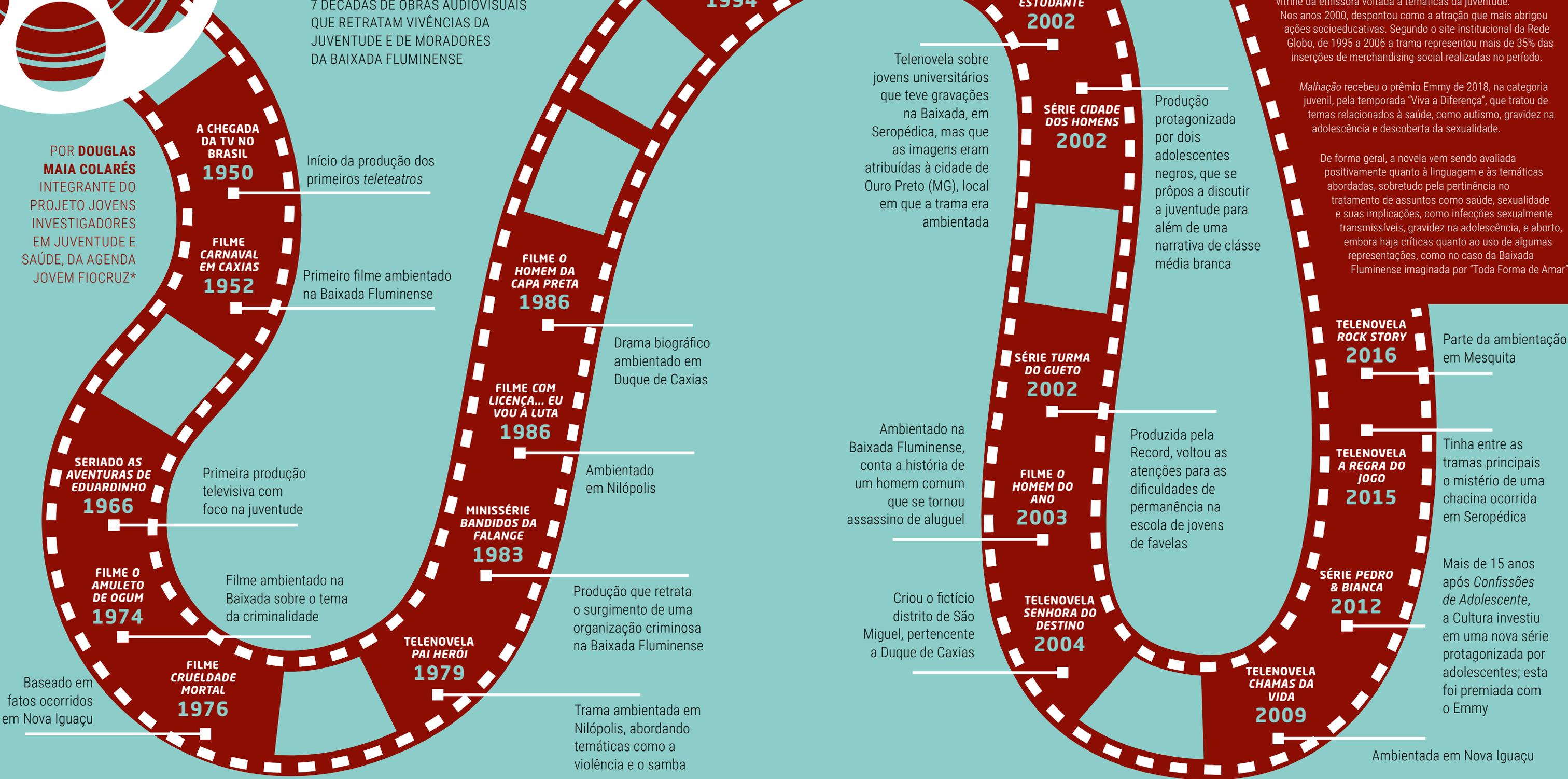
Pesquisa: A ficção como fórum de discussão: reflexões sobre a periferia e saúde pública por jovens telespectadores de *Malhação*



# A JUVENTUDE SE VÊ NO AUDIOVISUAL

7 DÉCADAS DE OBRAS AUDIOVISUAIS QUE RETRATAM VIVÊNCIAS DA JUVENTUDE E DE MORADORES DA BAIXADA FLUMINENSE

POR DOUGLAS MAIA COLARÉS INTEGRANTE DO PROJETO JOVENS INVESTIGADORES EM JUVENTUDE E SAÚDE, DA AGENDA JOVEM FIOCRUZ\*



**A CHEGADA DA TV NO BRASIL 1950**

Início da produção dos primeiros *teleteatros*

**FILME CARNAVAL EM CAXIAS 1952**

Primeiro filme ambientado na Baixada Fluminense

**SERIADO AS AVENTURAS DE EDUARDINHO 1966**

Primeira produção televisiva com foco na juventude

**FILME O AMULETO DE OGUM 1974**

Filme ambientado na Baixada sobre o tema da criminalidade

**FILME CRUELDADE MORTAL 1976**

Baseado em fatos ocorridos em Nova Iguaçu

**TELENOVELA PAI HERÓI 1979**

Trama ambientada em Nilópolis, abordando temáticas como a violência e o samba

**FILME O HOMEM DA CAPA PRETA 1986**

Drama biográfico ambientado em Duque de Caxias

**FILME COM LICENÇA... EU VOU À LUTA 1986**

Ambientado em Nilópolis

**MINISSÉRIE BANDIDOS DA FALANGE 1983**

Produção que retrata o surgimento de uma organização criminosa na Baixada Fluminense

**SERIADO CONFISSÕES DE ADOLESCENTE 1994**

Produção da TV Cultura, estreou pouco antes de *Malhação* e foi indicada ao Emmy por sua abordagem realista da adolescência

**TELENOVELA/ SOAP-OPERA MALHAÇÃO 1995**

Estreia da produção mais longa direcionada ao público jovem

**TELENOVELA CORAÇÃO DE ESTUDANTE 2002**

Telenovela sobre jovens universitários que teve gravações na Baixada, em Seropédica, mas que as imagens eram atribuídas à cidade de Ouro Preto (MG), local em que a trama era ambientada

**SÉRIE CIDADE DOS HOMENS 2002**

Produção protagonizada por dois adolescentes negros, que se propôs a discutir a juventude para além de uma narrativa de classe média branca

**SÉRIE TURMA DO GUETO 2002**

Ambientado na Baixada Fluminense, conta a história de um homem comum que se tornou assassino de aluguel

**FILME O HOMEM DO ANO 2003**

Produzida pela Record, voltou as atenções para as dificuldades de permanência na escola de jovens de favelas

**TELENOVELA SENHORA DO DESTINO 2004**

Criou o fictício distrito de São Miguel, pertencente a Duque de Caxias

**TELENOVELA CHAMAS DA VIDA 2009**

Ambientada em Nova Iguaçu

**TELENOVELA MALHAÇÃO TODA FORMA DE AMAR 2019**

Foi a última telenovela da Rede Globo finalizada antes da pandemia de Covid-19

## O LUGAR DE MALHAÇÃO COMO UM PROGRAMA JUVENIL

Lançada para abordar o público jovem, a novela foi ambientada inicialmente em uma academia. A partir de 1999 a ambientação foi transferida para uma escola e o produto tornou-se a principal vitrine da emissora voltada à temáticas da juventude. Nos anos 2000, despontou como a atração que mais abrigou ações socioeducativas. Segundo o site institucional da Rede Globo, de 1995 a 2006 a trama representou mais de 35% das inserções de merchandising social realizadas no período.

*Malhação* recebeu o prêmio Emmy de 2018, na categoria juvenil, pela temporada "Viva a Diferença", que tratou de temas relacionados à saúde, como autismo, gravidez na adolescência e descoberta da sexualidade.

De forma geral, a novela vem sendo avaliada positivamente quanto à linguagem e às temáticas abordadas, sobretudo pela pertinência no tratamento de assuntos como saúde, sexualidade e suas implicações, como infecções sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, e aborto, embora haja críticas quanto ao uso de algumas representações, como no caso da Baixada Fluminense imaginada por "Toda Forma de Amar".

**TELENOVELA ROCK STORY 2016**

Parte da ambientação em Mesquita

**TELENOVELA A REGRA DO JOGO 2015**

Tinha entre as tramas principais o mistério de uma chacina ocorrida em Seropédica

**SÉRIE PEDRO & BIANCA 2012**

Mais de 15 anos após *Confissões de Adolescente*, a Cultura investiu em uma nova série protagonizada por adolescentes; esta foi premiada com o Emmy



# TELEMARKETING NA MARÉ

O COTIDIANO DE JOVENS MARCADO POR CONFLITOS NO TERRITÓRIO E OS IMPACTOS NA SAÚDE POR CONTA DA PROFISSÃO

**MANUELLA DOS SANTOS ALBUQUERQUE DE AZEVEDO**  
INTEGRANTE DO PROJETO JOVENS INVESTIGADORES EM JUVENTUDE E SAÚDE, DA AGENDA JOVEM FIOCRUZ\*

Muitas vezes, jovens ingressam em *call centers* na expectativa de ter um emprego de “passagem”, para conciliar com estudos e/ou outras atividades, que são, de alguma forma, possíveis de serem combinadas com um emprego de 6h20 de trabalho, como comumente é ofertado em vagas de emprego para esta atividade laboral.

As manifestações trazidas por jovens trabalhadores/as de *call centers* que residem no Complexo da Maré deram base ao nosso estudo, que carrega dados e reflexões em torno do cotidiano dessas pessoas, considerando o território em que habitam e o trabalho, compreendendo as especificidades da categoria profissional daqueles/as que entrevistamos.

Dentre quem teve no telemarketing a primeira experiência de emprego, é possível perceber os efeitos do cotidiano de trabalho em suas trajetórias de vida e saúde. Apesar das condições desfavoráveis, metade

dos jovens entrevistados respondeu que a entrada e a permanência na atividade de teleatendimento acontecem pela falta de experiência profissional ou, ainda, como parte do processo de formação para o mercado de trabalho.

A outra metade do grupo entrevistada era composta por quem não encontrou no telemarketing a primeira experiência profissional, mas adentrou depois. Isso revela o quanto tal atividade abarca pessoas em vários momentos de suas vidas, principalmente pela possibilidade de preencherem uma vaga de emprego que não demanda formação específica e não requer um perfil profissional pré-estabelecido, considerando a pluralidade de profissionais nesta área.

O setor de telemarketing, que se expandiu no final do século XX, adere às características do atual regime de acumulação do capital – flexibilização das relações e condições de trabalho e aprofundamento

da exploração da força de trabalho –, demonstrando a inserção juvenil no mercado de trabalho de forma precária e potencialmente prejudicial à saúde de jovens trabalhadores.

O estudo foi realizado com jovens de 18 a 29 e operadores de telemarketing que residem no complexo da Maré. Assim foi possível inferir dados sobre a condição de saúde de jovens trabalhadores e suas impressões sobre o território em que residem. Nossa pesquisa evidencia que mais da metade dos/as jovens (57%) que trabalham com telemarketing no território acumulam funções de receber e entrar em contato com clientes, destacando um ritmo de trabalho acelerado. Quase todos os entrevistados na pesquisa apresentaram mais de uma área de atuação, mostrando que encaram uma jornada de trabalho potencialmente extenuante.

Muito embora seja uma discussão recorrente acerca das condições habitacionais nas favelas do Rio de Janeiro e da falta de saneamento básico, foi possível perceber que moradores do Complexo da Maré que participaram da pesquisa acreditam que suas condições sanitárias sejam favoráveis e adequadas para a manutenção de vida e saúde. Entretanto, registros de órgãos públicos e estudos sobre condições sanitárias nas favelas do Rio de Janeiro apontam para o contrário.

## Território, violência e trabalho

Expressiva maioria dos jovens trabalhadores entrevistados (92,9%) afirma ter precisado se ausentar do trabalho por fatores ligados a diferentes violências em seu território, como operações policiais e conflitos entre facções. Em relação ao posicionamento das empresas empregadoras diante das faltas, algumas registraram a ausência como falta não justificada (21,4%), outras efetuaram desconto salarial (64,2%) e outras fizeram aplicação de advertência por falta (14,4%). De modo geral, essas pessoas jovens se viram prejudicadas financeira e profissionalmente pelo acontecido. Ainda neste contexto, 71,6% dos/as participantes disseram que perderam as contas de quantas vezes se ausentaram do trabalho por fatores relacionados ao território.



Pesquisa: Juventude, saúde e trabalho: o perfil dos jovens operadores de telemarketing que residem Complexo da Maré

No grupo de entrevistados/as, 42,9% vivem com rendimento mensal familiar de até 1 salário mínimo. Outros 42,9% possuem renda familiar entre 1 e 2 salários mínimos. E apenas 14,2% possuem rendimento mensal de 2 a 3 salários. O que revela que mais de 80% dos/as participantes sobrevivem com até 2 salários mínimos, dentre os quais 21,4% recebem algum tipo de benefício social para compor a renda familiar.

Em relação aos que recebem benefício social, vimos que o Bolsa Família e a aposentadoria predominam, sendo 66,7% beneficiários do Bolsa Família e 33,3% com aposentadoria. O que significa dizer que a maioria dos trabalhadores e suas famílias encontram-se nos critérios elegíveis para os Programas de Assistência Social e Previdência Social, portanto os idosos também contribuem na renda familiar destes lares. Ainda sobre isso, é possível identificar que a maioria dos jovens que alcançaram ensino superior podem fazer parte de programas do governo voltados àqueles com renda inferior a um salário mínimo *per capita*, sendo elegíveis a diferentes políticas de ingresso nas faculdades públicas e privadas por meio do sistema de cotas, o que pode ter sido um viabilizador da entrada destes jovens na faculdade.

## Adoecimento

Já são públicos os dados que evidenciam os mais comuns adoecimentos entre os operadores de telemarketing, por conta dos processos, ritmos, espaços e condições de trabalho existentes. São trabalhadores/as que passam, no mínimo, 6h20 em suas P.A's (posições de atendimento), em frente ao computador, à disposição de um telefone, com apenas três intervalos permitidos em sua escala de trabalho, sendo duas pausas de 10 minutos e uma pausa de 20 minutos de descanso, legalmente definidas pela Norma Regulamentadora (NR-17).

Ao desempenhar esta função, o trabalhador precisa estar atento ao telefone e aos sistemas, não se distrair



com os atendimentos que ocorrem ao mesmo tempo ao seu redor, solucionar problemas e estabelecer um bom relacionamento com os clientes “do outro lado da linha”, mediar conflitos, não se pronunciar diante de xingamentos direcionados a ele e, mais, não levantar do posto de trabalho além das três vezes permitidas, sem a autorização de seu gestor.

Do total de respondentes, 64,3% afirmam ter desenvolvido alguma doença ou trauma no período de exercício de suas funções como operadores de telemarketing. Dentre eles, 42% desenvolveram tendinite, 42,8% infecção urinária, 35,7% dores musculares e escolioses, 14,2% depressão, 7,1% inflamação da laringe e 7,1% lesão por esforço repetitivo (LER).

O que pode levar a concluir que, sob as condições de pausas permitidas no tempo de trabalho, muitos trabalhadores/as apresentam quadro de infecção urinária e que, de alguma forma, pode estar associado a poucas idas ao banheiro ou disponibilidade para beber água. Assim como problemas de postura, movimentos repetitivos, e ausência de descanso de suas vozes podem estar atrelados aos demais problemas de saúde sinalizados ocasionando agravos à saúde da coluna, garganta e lesões por esforços repetitivos (LER).

A nuvem de palavras abaixo é resultado de uma pergunta aberta, na qual quem participou foi solicitado/a a resumir em três palavras a sua experiência como operadores/as de telemarketing.



Os resultados apontaram que o trabalho em teletendimento repercute nas esferas física e psicológica dos operadores, considerando os problemas de saúde desenvolvidos neste espaço laboral. O cotidiano de trabalho é marcado por estratégias e arbitragens que regulam a atividade exercida por eles. A atividade do telemarketing é, muitas vezes, uma experiência de trabalho provisória, mas que também provoca um distanciamento em relação ao mercado de trabalho. A profissão de telemarketing diminui a possibilidade do(a) jovem encontrar um ofício mais saudável, devido à escassez de oportunidades de desenvolvimento humano e profissional ofertadas a eles.

Lesões por esforços repetitivos e doenças osteomusculares são só alguns dos fatores causados pela organização do trabalho nesta categoria, sendo esta apenas a ponta de um possível iceberg. Já há estudos que conectam altos índices de problemas psíquicos e identificaram grande risco para a ocorrência de problemas vocais e de audição decorrentes do exercício desta função. Muitos deles são decorrentes de assédio moral, exigência para que fiquem sentados na mesma postura por longos períodos e ritmo de digitação acelerado, valendo-se da rotatividade que amedronta os operadores e reforça uma cultura punitivista nos setores. Nesta esteira, chama-se a atenção para a grande incidência de doenças presentes em jovens trabalhadores e trabalhadoras que já enfrentam problemas existentes em seu território, como foi possível identificar neste estudo.

O território do Complexo da Maré apresenta em seu cotidiano e, como bem relatado pelos entrevistados, uma série de problemáticas relacionadas a confrontos armados e violências. A vulnerabilidade social a que estes jovens estão sujeitos torna-se apenas mais um fator contribuinte para a precarização da saúde em seus mais variados aspectos. Tal fator não se faz estranho à grande maioria da classe trabalhadora do Brasil, que no bojo deste estudo caracteriza uma população mal remunerada, subalternizada e esvaziada de condições dignas de trabalho e de vida.



## DEMONSTRAR AFETO LÉSBICO NAS FAVELAS É UMA REALIDADE PALPÁVEL?

IDENTIDADES FAVELADAS E REDES DE AFETOS TORNAM POSSÍVEL A EXPERIÊNCIA DE LESBIANIDADE EM FAVELAS.

POR **ELLEN NEVES**  
INTEGRANTE DO  
PROJETO JOVENS  
INVESTIGADORES  
EM JUVENTUDE  
E SAÚDE, DA  
AGENDA JOVEM  
FIOCRUZ\*

Segurar a mão da namorada, abraçar ou fazer qualquer outra demonstração de carinho ao circular pela cidade, sendo lésbica, carrega consigo o perigo e o medo da discriminação, assédio, violência e, até mesmo, da morte. Corriqueiras represálias que perpassam desde a sutileza do suposto elogio ao casal até violências físicas.

Mas dizer que o asfalto não é um lugar seguro para sermos quem somos não é novidade.

Ouvir as experiências de algumas pares, jovens lésbicas, majoritariamente negras e faveladas, acerca de suas relações com o território de pertença me levaram a olhar, também, para as minhas experiências e questionar: “Demonstrar afeto lésbico na favela é uma realidade palpável?”. Esperei que a resposta ao meu questionamento fosse um sonoro e revoltante “não”, até iniciarmos a pesquisa sobre jovens lésbicas faveladas e a subjetivação violenta: desafios para a saúde mental, junto à Agenda Jovem.

\* Pesquisa:  
Jovens lésbicas faveladas e a subjetivação violenta: desafios para a Saúde Mental

O caminho percorrido pela pesquisa coincide com o que aponta o mapeamento sociocultural e afetivo de lésbicas da Maré: mulheres lésbicas se sentem mais seguras ao circular e demonstrar afeto dentro das favelas, enquanto as experiências de preconceito são maiores no asfalto.

## Imagem das favelas

Ao longo dos anos, diversos discursos têm construído as favelas no imaginário social como ‘outra cidade’ e ‘terra sem lei’. Segundo o que o sociólogo - fundador do Observatório de Favelas e do Instituto Maria e João Aleixo - Jailson de Souza e Silva apresenta em suas obras, o paradigma da ausência, da precariedade e da violência propiciam leituras estereotipadas que colocam as favelas como territórios ilegítimos na cidade e seus moradores como pessoas propensas ao crime e incapazes de mudar as condições precárias de existência. Desse modo, favelas são territórios concebidos de maneira cindida das cidades, uma estando à parte da outra, estigmatizando e possibilitando que os direitos de sujeitos favelados sejam violados e negados.

Dados estatísticos comprovam que ser mulher, lésbica, negra e favelada no Brasil implica riscos físicos, emocionais, psíquicos e materiais-patrimoniais. Tais dados associados ao estigma da favela enquanto local mais perigoso da cidade nos levou a afirmar, de ímpeto, que não era a favela um local possível para se viver a lesbianidade. No entanto, o caminho percorrido na investigação fez lembrar um fato importantíssimo: a lesbianidade favelada, bem como qualquer outra experiência na favela, não se esgota em falar das dores - ainda que essas sejam, por muitas vezes, protagonistas nos espaços.

A assistente social - membra fundadora da Coletiva Resistência Lésbica da Maré - Dayana Gusmão<sup>1</sup> explicita em seu texto *Sociabilidade favelada: experiências de lesbianidades na Maré*, que viver a lesbianidade favelada aglutina diversos fatores que demandam um olhar atento para não cair em fatalismos ou romantizações. Ser um corpo que foge da norma não é fácil em lugar algum, logo, abrir espaço para mulheres lésbicas narrarem suas experiências enquanto moradoras de favela, certamente, fez emergir relatos sobre lesbofobias, incertezas e medos como, por exemplo, de operações policiais, medo de tomar “*esculacho*” da polícia, ouvir piadinhas e receber olhares tortos. Contudo, paralelamente às violências existem diversos movimentos de resistência, identidade, orgulho, elaboração de características positivas e sentimento de pertença que vão possibilitar construções de redes de afeto e apoio às expressões de quem se é.

## Ressignificando o que é ser favelada

Não é recente o movimento de dar outro sentido ao termo “favelada”. Se por anos (e ainda hoje) diversas pessoas precisaram mentir o endereço para serem empregadas, para não serem mal vistas ou se envergonham de morar na favela, simultaneamente articulações que afirmam esse adjetivo de maneira positiva tem obtido cada vez mais força entre jovens e adultos, ganhando um gigantesco aliado nos movimentos culturais.

Funk, Rap, Samba, Grafite, Tranças e os *Slams* são algumas dentre tantas expressões culturais responsáveis pela possibilidade de criar e representar mundos, educar, transformar e afirmar outros modos de ser onde jovens assumem o lugar de protagonismo sobre suas narrativas ampliando os sentidos atribuídos às favelas.

Um estudo realizado pelo Instituto Data Favela, em 2013, ouviu dois mil moradores em 63 favelas brasileiras e revelou que 94% se disseram felizes residindo em favela. 81% gostam das comunidades onde vivem, apontando já na época para o novo perfil do favelado: orgulhoso e, naquele período provavelmente mais que no atual contexto, com poder de compra.

Assim, a construção da identidade favelada enquanto um fator de orgulho começa quando as moradoras passam a projetar o sentimento de pertencimento à sua comunidade. Segundo o advogado criminalista Joel Luiz Costa, em seu texto “*Quando nasce um favelado?*” para a ANF (Agência de Notícias da Favela), o momento no qual conseguimos enxergar aquele pedaço de terra como nosso ponto de partida para pensar e explorar o mundo de maneira crítica é quando nasce a identidade favelada.

No nosso estudo “*Jovens lésbicas faveladas e a subjetivação violenta: desafios para a saúde mental*”, realizado nas favelas que compõem o bairro de Santa Teresa, centro do Rio de Janeiro, a mudança na perspectiva a respeito de uma identidade favelada

torna-se perceptível na fala das entrevistadas da pesquisa. Algumas jovens relataram conseguir se orgulhar e se conectar com a cultura que é construída dentro da favela.

Mesmo quando não há uma identificação completa com o termo favelada por parte das jovens lésbicas entrevistadas, é notória a tentativa de dar outros sentidos e adjetivos acerca do território capazes de fugir dos estigmas. Formas de instituir o território de favela enquanto um espaço possível de se viver.

## Mas, afinal, e os afetos?

O território no qual estamos inseridos, inevitavelmente, influencia o modo como existimos e nos relacionamos com o mundo. Em vista disso, questionar se é possível para lésbicas experimentarem e demonstrarem afeto nas favelas em que vivem significa compreender as relações que estabelecem com esse território. Desse modo, a identificação com a cultura local, os vínculos afetivos criados ao longo da vida, a habitação do território e o sentimento de pertencer àquele chão são alguns dos fatores capazes de tornar a experiência da lesbianidade possível para algumas mulheres.

Das jovens participantes da pesquisa, 75% afirmaram ter vivido alguma situação de lesbofobia na favela em que residem. Segundo os relatos, nenhuma dessas situações extremaram para a violência física. Contudo, o fato que nos chamou atenção foi que, ao longo do percurso, 75% das jovens afirmaram não ter problemas em demonstrar afeto no lugar onde moram.



**(...) Aqui é mais fácil que na rua. Eu me sinto mais à vontade, mesmo com os olhares, não tô nem aí. Agora, fora você já não sabe o que podem fazer. Aqui eu tenho certeza que podem me olhar, mas ninguém vai fazer nada, lá fora eu já não sei”**

Entrevistada de 19 anos, Fogueteiro.\*

Interessante observar que mesmo tendo vivido algum tipo de preconceito dentro da favela por serem lésbicas, muitas jovens consideram o território como um lugar possível de circular e demonstrar afeto para com suas namoradas. Tal fato só é viável devido às redes de afeto existentes na vida dessas mulheres, capazes de fornecer acolhimento, segurança e apoio nos tempos de necessidade e enfrentamento de crises.

O intuito neste artigo não é romantizar as lesbofobias vividas por essas jovens, mas ampliar análises e debates. Assim, é importante salientar que as favelas, no plural, são heterogêneas, isso quer dizer, se organizam, têm regras e dinâmicas próprias e particulares que diferem umas das outras. Destarte, torna-se importante localizar que os resultados obtidos correspondem às favelas que compõem o bairro de Santa Teresa, centro do Rio de Janeiro, bem como é utilizado por referência o mapeamento sociocultural e afetivo da Maré; podendo não ser a realidade de outros territórios favelados e periféricos.

Ao contrário do que se pensa, para mulheres lésbicas, estar fora da favela não significa ser mais respeitada. Numa sociedade lesbofóbica, sexista, racista e classista, violências inevitavelmente vão surgir, contudo, o resultado da pesquisa traz a desmistificação das favelas unicamente enquanto lugar de barbárie e ausências. Os movimentos de apropriação e resignificação do ser lésbica e do ser favelada vêm dando espaço para a elaboração de outras experiências dentro desses territórios, tornando mais possíveis experiências afetivas lésbicas.

\*O nome foi omitido para preservar o sigilo da entrevista.

<sup>1</sup> coordenadora política nacional da Articulação Brasileira de Lésbicas e Mulheres Bissexuais – ABL; Membro da Comissão de Saúde da Mulher do Conselho Nacional de Saúde.



# RAP DA SAÚDE: INTERSETORIALIDADE COMO TECNOLOGIA SOCIAL

ENTRE DESAFIOS E CONQUISTAS, ANALISAMOS AS REPERCUSSÕES QUE A REDE DE ADOLESCENTES PROMOTORES DA SAÚDE GEROU NA JUVENTUDE CARIOCA DA ZONA SUL

POR **MATHEUS OLIVEIRA**  
INTEGRANTE DO  
PROJETO JOVENS  
INVESTIGADORES  
EM JUVENTUDE  
E SAÚDE, DA  
AGENDA JOVEM  
FIOCRUZ\*

Quando pensamos sobre quem é jovem na sociedade contemporânea brasileira, lidamos com uma multiplicidade de juventudes e adolescências, vividas de diferentes formas e permeadas por marcadores de classe social, territorial, cultural, política, econômica, que nunca devem ser desassociadas das questões racial, de gênero e orientação sexual. Pensando nisso, buscamos garantir a maior diversidade de jovens em nossa pesquisa sobre a experiência do programa RAP da Saúde – Rede de Adolescente Promotores da Saúde.

O RAP da Saúde foi realizado pela Secretaria Municipal da Saúde do Rio de Janeiro, criado sob a influência direta da experiência do Adolcentro, uma Unidade Básica de Saúde só para adolescentes e jovens, na rede municipal, implantada na Zona Sul do Rio de Janeiro. O programa foi institucionalizado como uma tecnologia social, cujo objetivo era ampliar ações de promoção de saúde, fortalecendo o protagonismo juvenil e a concepção de intersectorialidade.

Duas coisas são consenso absoluto entre os entrevistados: a dificuldade que passaram no início do projeto e a compreensão de que a experiência do RAP da Saúde foi positiva para suas vidas.

As dificuldades relatadas no início do programa envolviam aspectos individuais e de personalidade e formas de se relacionar com o coletivo. Foram relatados “problemas” de timidez, dificuldade de se encaixar e de lidar com o

pensamento do outro, sentimento de estar perdido no que devia ou não fazer ou sobre o porquê de estar ali, principalmente nos primeiros meses.



**“Então, meus primeiros meses foram um pouco complicados para eu me adaptar. Caí numa clínica muito próxima da minha casa, eu conhecia bastante gente e era uma pessoa extremamente tímida, então tive um pouco de dificuldade. Mas o pessoal mesmo do RAP, os criadores, as pessoas que trabalham na prefeitura acabaram me ajudando muito com essa questão e eu consegui me sentir melhor. Eu pensei até em desistir nos primeiros meses, mas depois voltei atrás, vi que era um projeto que valia a pena eu tentar, me esforçar para dar certo.”** (Entrevistado ‘S’)\*

Duas pessoas jovens que residem em favela relataram que a participação no RAP da Saúde era necessária para “ocupar a cabeça” e não estar em contato com “aquilo que não presta”. Essa fala parte de um senso comum, mas nos revela o olhar destes/as jovens sobre as suas

comunidades, apontando a necessidade de projetos e programas para juventude que cheguem nas favelas do Rio de Janeiro, territórios conhecidos pela negligência e intervenção truculenta do Estado. Contudo, ao decorrer da entrevista, também percebemos uma ressignificação do sentido de estar no RAP, no qual a interação com a unidade de saúde e o sentimento de pertencimento à cultura do trabalho em saúde permitiu que os jovens vislumbrassem possíveis locais e vivências para além daqueles que eles próprios se atribuíam inicialmente, sobretudo no campo profissional.

A interação com o espaço da Unidade Básica de Saúde e com profissionais da saúde, e o próprio fato de desenvolverem atividades de promoção de saúde, contribuíram para que alguns desses jovens optassem pela área da saúde como carreira profissional. Há relatos de jovens que atribuem ao RAP da Saúde a escolha de graduações como enfermagem e psicologia, ou cursos técnicos em enfermagem e radiologia.

Foi possível verificar que eles desenvolveram outras formas de compreensão de seus territórios, do que é saúde, da necessidade do acesso a direitos, da importância da autonomia e das múltiplas perspectivas e horizontes profissionais em que poderiam investir. Atuar no mesmo território em que habitavam despertou em alguns jovens um maior senso de pertencimento. Ouvimos relatos que remetiam à surpresa quanto à existência de pessoas vivendo em situação de vulnerabilidade social muito próximas às suas residências. Por outro lado, jovens que não tinham contato com territórios de favelas relataram a importância que a vivência do RAP da Saúde teve em desconstruir uma visão carregada de preconceitos e estereótipos, havendo uma mudança de mentalidade sobre as vidas que residem nesse espaço e sobre o mesmo.

Atualmente, no Brasil (e em toda América Latina) vivemos um contexto de ordem neoliberal, marcado por um conjunto de ataques ao setor público e suas políticas sociais, produzindo uma crescente fragilização de programas sociais, seja na área da saúde, assistência social, educação, entre outras.

Evidentemente que as políticas voltadas para as juventudes também são atingidas pela estratégia de desmonte. No caso do RAP da Saúde, foi possível identificar a redução a cada ano do número de jovens participantes do programa, bem como a existência de um clima de insegurança quanto à manutenção em cada mudança de gestão na Prefeitura do Rio de Janeiro.

Embora nossa pesquisa tenha se restringido a uma área programática, nossos entrevistados/as foram unânimes sobre o quão positiva foi a experiência no RAP da Saúde. Esse programa foi responsável por uma série de mudanças na perspectiva de vida de jovens que o integraram. Também é inegável considerar que o programa afetou positivamente crianças e adolescentes que participaram das atividades ali promovidas.

Assim, parece-nos que não faz sentido reduzir o investimento nesse tipo de iniciativa. Ao contrário, apontamos a necessidade da elaboração e promoção de outras iniciativas, projetos e programas sociais que sejam capazes de repercutir na vida da juventude do Rio de Janeiro, sobretudo na juventude negra e periférica, que considerem a diversidade como elemento formador e criador de empatia, amadurecimento, e propagador de novas perspectivas de vida e de futuro, concluindo que tais iniciativas são urgentes em nosso Estado e precisam ser (re)criadas, ampliadas e, sobretudo, defendidas.



**Pesquisa:**  
A experiência do Rap da Saúde na Área Programática 3.3 do município do Rio de Janeiro: uma análise sobre as repercussões do programa na vida dos jovens multiplicadores e dinamizadores



## DIÁRIO DE EXPERIÊNCIA: PESQUISAR NA PANDEMIA

O USO DAS MÍDIAS SOCIAIS PARA  
NOS CONECTAR COM O TERRITÓRIO

Quando iniciamos a pesquisa com o programa Agenda Jovem, pensamos em atividades presenciais na sede do Instituto de Formação Humana e Educação Popular (IFHEP), localizado na Zona Oeste da capital do Rio de Janeiro. Gostaríamos de nos aproximar mais das juventudes do território e fomentar os diálogos em saúde a partir de eventos abertos ao público, como já ocorria em cineclubes, cursos de férias e intervenções nas praças. No entanto, logo no início do projeto foi anunciado o primeiro lockdown. E agora? Quinze dias em casa? Um mês? Dois meses?

Como nos aproximar das juventudes do território nesse contexto? Nos vimos com o desafio de pensar novas formas de nos conectarmos para além das que já dominávamos e que eram inviáveis com a necessidade de isolamento.

Diante da pandemia, as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) têm estado presentes em nossas rotinas mais do que nunca e, por esse motivo, optamos por utilizá-las para dialogar com as juventudes - aproveitando canais presentes no seu dia a dia: as mídias sociais, principalmente o Instagram e o Whatsapp.

### Zap e Insta também comunicam!

A pesquisa "Gênero, raça e classe: Debatendo saúde na periferia do capital" aplicou um questionário através de uma plataforma digital de formulários. Logo após, também foram realizadas entrevistas, com jovens de perfis variados, sobre os diálogos em saúde que tiveram ao longo de suas vidas nas diversas instituições que passaram, como as escolas. Essa segunda fase foi desenvolvida através do Whatsapp.

**BRUNO LOPES,**  
INTEGRANTE DO  
PROJETO JOVENS  
INVESTIGADORES EM  
JUVENTUDE E SAÚDE,  
DA AGENDA  
JOVEM FIOCRUZ  
**ANALICE MADEIRA,**  
DO IFHEP.

Nesse caminho de nos conectar com as juventudes do território através das redes sociais, identificamos a potência do Instagram para diálogos em saúde para além da pesquisa. Criamos um perfil com o intuito de promover debate público sobre temáticas que envolvem o território, pensando marcadores sociais e determinantes em saúde, como mobilidade urbana e saneamento básico. O perfil tornou possível o contato com jovens e movimentos sociais da região, além de promover a discussão dos resultados da pesquisa em uma série de publicações.

Estamos refletindo cada vez mais sobre como podemos nos apropriar dessas ferramentas para dialogar com jovens do território. Nos mobilizamos para construir conteúdos, em um processo educacional de construção coletiva, para promover nossos direitos, em especial à saúde, em uma rede virtual que faz, cada vez mais, parte de nossas vidas.



Conheça o perfil do  
Instagram que nasceu  
a partir da pesquisa:  
[@zonovageracao](https://www.instagram.com/zonovageracao)



Conheça o Podcast Novo  
Oeste, disponível nas principais  
plataformas de streaming:  
<https://anchor.fm/novo-oeste>



## MENTORIA E SEUS APRENDIZADOS

CONFIRA DEPOIMENTOS SOBRE A EXPERIÊNCIA DA  
MENTORIA NO PROJETO JOVENS INVESTIGADORES.

Profissionais da Fiocruz, que toparam assumir a mentoria de jovens pesquisadores, exerceram um papel que foi além de uma orientação acadêmica tradicional. Criaram espaços de acolhimento, escuta sensível e fortalecimento de vínculos. Ofereceram conhecimento e cuidado, acompanhamento e confiança, reflexão e respeito às trajetórias de cada jovem pesquisador/a.



### Adriana Miranda de Castro

A mentoria foi um aprendizado surpreendente. Mais ligada à pesquisa sobre envelhecer, descobri linguagens e jeitos de pensar a vida. Meu encontro com Matheus foi marcado pela intergeracionalidade e atravessado por olhares distintos sobre seu tema de pesquisa. Vivemos no "mesmo" território a partir de dois lugares diferentes: a formuladora de políticas de promoção da saúde e o jovem promotor de saúde em comunidades do Rio. O desafio do trabalho foi transformar afetos e reflexões sobre a promoção da saúde e suas práticas em um olhar limpo, crítico e potente. Foi difícil para nós dois, mas foi um processo riquíssimo!



### Carolina Burle de Niemeyer

O trabalho de orientação no projeto Jovens Pesquisadores foi uma experiência desafiadora e gratificante. Eu e Lucas Cabral realizamos uma tutoria compartilhada, em que um complementou o outro e o resultado foi muito potente. Mas neste processo o que mais me marcou foi a necessidade de Manuella dos Santos Albuquerque de Azevedo ter alguém com quem dividir os seus problemas e ser ouvida. Além da orientação acadêmica e profissional, a relação de confiança, a "escuta ativa", a amorosidade e a empatia são constituintes de uma pesquisa emancipatória. Sem este acolhimento, ela provavelmente teria desistido do projeto.



## Corina Helena Figueira Mendes

A experiência de mentoria me proporcionou a oportunidade de explorar novas facetas na docência em pesquisa. A relação intergeracional com Fabiana Pinto se configurou como campo de aprendizado onde pude observar sua descoberta, interação e apropriação dos referenciais sobre Justiça Reprodutiva como marco teórico, metodológico, político e ético. Ela o incorporou como ferramenta à sua práxis de ativista e no seu caminho de formação como sanitarista e pesquisadora. Entendo que a mentoria deva ser uma relação dialógica, que depende inerentemente do cultivo do encontro, possibilitando a valoração do processo de fazer pesquisa para além de seu produto final.



## Lucas Manoel da Silva Cabral

Foi um processo de aprendizagem incrível. Tive a oportunidade de trabalhar em conjunto com a Manuella dos Santos Albuquerque de Azevedo e a Carolina Niemeyer, e juntos constituímos um trio muito interessante. O processo de mentoria ocorreu no primeiro ano da pandemia de Covid-19 e impôs a todos nós uma necessidade de reinvenção. Mas foi gratificante ver o esforço e compromisso da jovem pesquisadora em realizar seu estudo. No final do processo, conseguimos produzir um trabalho que dialogava muito com as inquietudes colocadas por ela, o que deu ainda mais sentido a toda essa experiência.



## Márcia Rodrigues Lisboa

Foi um grande prazer ter sido mentora de um jovem pesquisador no projeto da Agenda Jovem Fiocruz. Apesar dos obstáculos para a execução da pesquisa, em função da pandemia, a parceria com Douglas Maia Colarés propiciou excelentes trocas, que me permitiram um aprendizado muito especial. Não tenho dúvida da potência das reflexões feitas por ele e pelos(as) demais participantes. O sucesso da experiência de desenvolver projetos de graduandos, residentes em periferias, revelou-se um passo além ao desafio de trabalhar com abordagens dialógicas, no meu caso, na interface comunicação-saúde-juventudes.



## Marcos Nascimento

Como dizia o poeta Vinicius de Moraes, a vida é a arte do encontro. Durante o período da mentoria, tive a oportunidade de encontrar dois jovens, estudantes de graduação em Letras e em Psicologia de universidades públicas, cujo interesse, implicação e desejo de contribuir de alguma forma para a construção de uma sociedade mais justa e democrática eram o combustível para nossas discussões. A implicação dela/e com os temas que escolheram – a diversidade sexual e de gênero e seus cruzamentos com outros marcadores de desigualdade social – fazia com que o trabalho se desdobrasse entre o pessoal, o acadêmico e o político. Seus temas de interesse falavam sobre suas próprias experiências e de pessoas próximas, e produziam o lugar de pesquisadores socialmente engajados, em que o conhecimento acadêmico não escapasse de reflexões sobre suas próprias biografias. Acionar um “lugar de escuta” privilegiado foi fundamental para fomentar suas curiosidades, discutir aspectos da vida que poderiam ser mobilizadores para os/as jovens participantes de suas pesquisas e aprender a “fazer junto” no seu tempo, ritmo, desejo. Obrigado aos dois por essa oportunidade!



## Mayalu Silva

Participar da Agenda Jovem foi uma experiência gratificante. A proposta de incentivar e apoiar o desenvolvimento de jovens pesquisadores foi o mote da minha mentoria: ouvir e caminhar junto com a brilhante jovem que tive a sorte de mentorear, a Isabel Barbosa, que já era uma mestranda. O encontro foi de parceria e troca. Também aprendi muito com a Isabel, com sua experiência de vida, com os autores e discussões que trouxe e com os ricos debates que tivemos. Minha participação consistiu em lapidar esse conteúdo, debatendo metodologias e colaborando para a formação acadêmica de uma cientista.

## Confira o time de pesquisadores que participaram das mentorias

**Adriana Castro** – Vice-Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde - Fiocruz

**Bianca Leandro** – Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio / EPSJV – Fiocruz

**Carolina Niemeyer** – Escola Nacional de Saúde Pública / ENSP – Fiocruz

**Corina Mendes** – Instituto Fernandes Figueira / IFF – Fiocruz

**Leonidio Santos** – Coordenação de Cooperação Social / Presidência Fiocruz

**Lucas Cabral** - Instituto de Medicina Social - UERJ

**Luciane Ferrareto** – Coordenação de Cooperação Social / Presidência Fiocruz

**Márcia Lisboa** – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde / ICICT – Fiocruz

**Marcos Nascimento** – Instituto Fernandes Figueira / IFF – Fiocruz

**Marina Maria** – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde / ICICT – Fiocruz

**Simone Ribeiro** – Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio / EPSJV – Fiocruz

# PARA ONDE VAMOS?

– EXISTE UMA REVOLUÇÃO CORRENDO EM NOSSOS OLHOS

POR **FABIANA PINTO**

Essa frase é de uma das personagens da minissérie documental *Para Onde Vamos?* (Fluxa Filmes e Canal Brasil), e reflete sobre os desafios enfrentados e soluções empreendidas por mulheres negras no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil.

Criada a partir do levantamento inédito realizado pelo Movimento Mulheres Negras Decidem e pelo Instituto Marielle Franco, a série apresenta o movimento de mulheres negras no Brasil através da história de ativistas que estão liderando verdadeiras revoluções no fazer e pensar políticas públicas, em uma narrativa de ação positiva e potência, que desconstrói os espaços marcados por exclusão e violência.

Anielle Franco (RJ), Áurea Carolina (MG), Elaine Ferreira do Nascimento (PI), Paula Beatriz de Souza Cruz (SP) e Vilma Reis (BA) são as entrevistadas que, na política institucional ou na sociedade civil, atuam em seus territórios e são representantes da maior força de progresso e renovação hoje no Brasil.

O **relatório que originou a série** entrevistou 245 ativistas negras por todo o Brasil e 62% delas afirmaram atuar diretamente em alguma ação de combate à Covid-19 e seus impactos.

Com imagens de marchas e encontros da década de 80 e 90, é uma ótima chance de conhecer mulheres que estão mudando o rumo da política e do movimento feminista de nosso país.

Onde assistir *Para Onde Vamos?*

No Canal Brasil e no Globoplay

**“ENTRE A CASA GRANDE E A SENZALA,  
NOSSA VIA SEMPRE FOI O QUILOMBO”.**

(Vilma Reis, 2021)

